

MAMA SUME

ÓRGÃO DE COMUNICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE COMANDOS

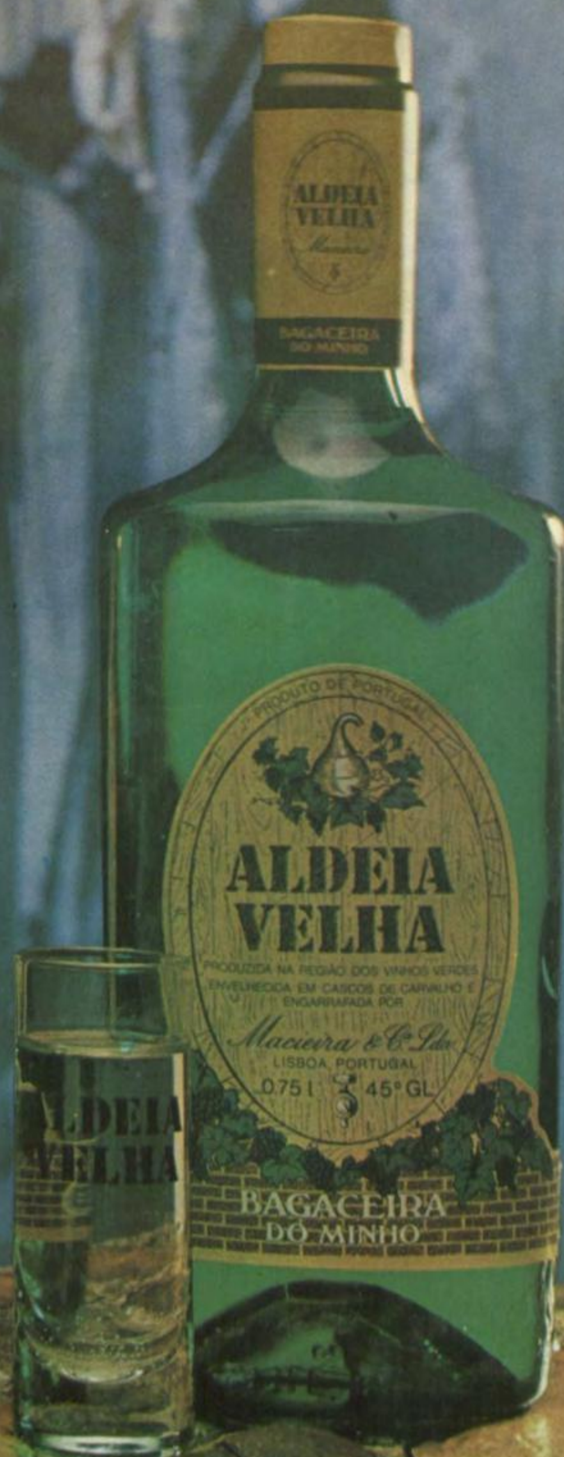
De Noqui à Amadora





ABRIL - 1980


MACIEIRA
Royal Old Brandy
Macieira & Cª Lda.
FUNDADA EM
LISBOA


ALDEIA VELHA
BAGACEIRA DO MINHO
PRODUTO DE PORTUGAL
ALDEIA VELHA
PRODUZIDA NA REGIÃO DOS VINHOS VERDES
ENVELHECIDA EM CASCOS DE CARVALHO E ENGARRAFADA POR
Macieira & Cª Lda.
LISBOA, PORTUGAL
0,75 l
45° GL
BAGACEIRA DO MINHO

SUMÁRIO

Págs:

Justos e Pecadores 8

A Estátua do Comando 11

Tiro 13

De Noqui à Amadora 16

Um Herói das campanhas

de Moçambique 22

O Contágio de Khomeini 26

Mensagem do Comando 29

Artes Orientais 30

Carta de um Amigo 33

Os dois Colossos 35

O Arsenal Líbio 38

Índia 41

Editorial

É no comedimento das palavras e na eficiência das acções que o «Comando» se distingue.

É na disponibilidade permanente e desinteressada que o «Comando» se molda e se afirma.

Do êxito das missões integralmente cumpridas, não lhe cabe a divulgação.

Não se arroga o direito de exigir compensação ou contrapartidas à sua generosidade.

Reivindica o direito de servir a Nação.

Exige o respeito pelo sacrifício dos que tombaram, fiéis ao seu Código de Honra, leais ao seu Juramento de Bandeira.

Não o atingem as calúnias dos que viram repelidos os seus propósitos de aliciamento à traição.

Honram-no os temores do inimigo.

Motivam-no o respeito e a confiança dos que lhe reconhecem o sacrificado esforço na defesa dos Supremos Interesses da Nação.

Procurando a Associação de Comandos reger-se fielmente pelos parâmetros apontados, não se confina apenas àqueles que, pelo seu esforço e voluntariedade, tiveram a honra de colocar ao peito o «crachat» que para sempre os marca. Têm nela lugar todos os Portugueses que, identificados com o Código «Comando» e irmanados no mesmo ideal Patriótico, comprovem a sua determinação de se regerem por esta forma de estar na vida.

Somos a certeza de que, onde quer que a vontade soberana da Nação Portuguesa seja molestada, um «Comando» surgirá em defesa das instituições.

Para servir os Portugueses, servindo Portugal.

«MAMA SUME»
AQUI ESTAMOS

MAMA SUME Órgão de comunicação da Associação de Comandos

Propriedade: **Associação de Comandos**
Departamento de Informações: **Av. Duque d'Ávila, 124 - 4.º Esq.**
TELEFS: **53 83 73 - 57 87 75 — 1000 LISBOA**

O II Congresso da Associação de Comandos

Manuel Matos

Nos dias 9 e 10 do passado mês de Fevereiro, realizou a Associação de Comandos o seu II Congresso Nacional.

Entusiasmo, participação, camaradagem, elevado espírito e uma impecável organização, foram a nota dominante do Congresso que assim decorreu num favorável ambiente para análise e debate dos temas apresentados.

As excelentes condições do Hotel das Termas da Curia —, quer o espaço amplo das salas quer a serenidade envolvente do parque, — proporcionaram aos 120 participantes, delegados que vieram de vários pontos do país — uma jornada de convívio, que embora de trabalho também o foi de alegria, pela oportunidade de reencontro numa atmosfera bem diferente daquela em que conquistamos a honra e o direito de ali nos encontrarmos: sermos todos... «família comando».



Victor Ribeiro, Presidente da Direcção Nacional, dirigindo os trabalhos do Congresso.

As condições atmosféricas do primeiro dia, não permitiram o cumprimento integral dos exercícios de ar livre, inclusivé a cerimónia do Içar da Bandeira que forçosamente teve de ser adiada por umas horas, o que não impediu nem adiou o decorrer das sessões de trabalho, que, após a cerimónia de abertura carregada de elevado sentido patriótico e evocativa dos mortos Comandos, deu o tom das sessões de trabalho apenas interrompidas para refeições e algumas



O Coronel Correia Dinis manda proceder à leitura do Código Comando

pausas para o café e troca de impressões. A alteração pontual dos Estatutos, a análise da Carta de Intenções, a apreciação de alterações e aditamentos do estatuto da Hoste, o Regulamento interno e o Plano de Acção, foram os assuntos dominantes na ordem dos trabalhos, sob a orientação dos membros da Direcção Nacional, através do seu porta-voz, e presidente nacional Vítor Ribeiro.

Na mesa de moderação, Anacleto Velez foi a voz da disciplina... com a ajuda de três outros colegas.

Nas intervenções há a destacar as dos coronéis Júlio de Oliveira e Correia Dinis e ainda de António Borralho cuja acção clarificadora foi sempre oportuna. Aliás, todos os intervenientes manifestaram o mesmo espírito dialogante e construtivo.

Uma organização impecável planeada pelo José Manuel Fonseca, que teve a excelente colaboração do Moreira de Sousa (Delegação Norte) proporcionou naquele magnífico estabelecimento termal uma revitalizante reunião de gente saudável.

Era já domingo, um bom domingo de sol, que a chuva matinal da véspera não fazia prever, domingo que matizou as actividades do congresso com as que também tinham agenda... mas, cá fora, ao ar livre.

A alvorada desse domingo foi o sinal para os exercícios físicos. Ainda cedo e ainda frio, com a claridade baça do sol não descoberto a tamizar o verde magnífico do parque, numa neblina suavemente branca à flor da água do lago.

As pontes de madeira, no percurso dum «cross» improvisado, rangiam sob os pés dos Comandos... que «corriam» à busca da forma física.

Nem todos apareceram, era de esperar, talvez uns 40, uns 50. No entanto, formando a dois, eles sentiram de novo a magia do grupo, da unidade... da vontade de ir até ao fim.

No interior do Hotel, constituiam-se os grupos de trabalho para as conclusões. Depois da leitura, na sessão de encerramento, — pela primeira vez com a presença de elementos do Núcleo de Amigos — foi a conferência de Imprensa. Manuel Matos, o Borralho e o Rómulo deram aos jornalistas presentes, uma detalhada informação das conclusões do congresso.

Depois, foi o arrear da bandeira; o toque do clarim brilhando ao sol que iluminava o parque; e todos os comandos, perfilados, de punho fechado e no coração... um juramento de fidelidade e prontidão absolutos.

Terminado o Congresso continua o convívio perdurando acima de tudo uma conclusão que transcende as que se registam em acta:

«Vale a pena ser Comando» quando «ser Comando» significa dedicação, disponibilidade, serviço, enfim: «aquela forma de estar na vida».

Foi inaugurada em Guimarães a subdelegação do Minho da Associação dos Comandos

Desde que foi criada no Porto a Delegação Regional do Norte da Associação de Comandos, com sede no Castelo do Queijo junto à foz do Douro, que se gerou um projecto de realizações a fim de congregar, em frequentes convívios e activa participação, os «Comandos» do Minho. Teve preferência a cidade de Guimarães, — berço da Nacionalidade, — e, depois de vencidas as naturais dificuldades, se apontou a sua inauguração para uma data cujo significado se tornou igualmente histórico: o dia 25 de Novembro.

Nesse dia, 25 de Novembro de 1979, pelas 9 horas, foram hasteadas as bandeiras Nacional e dos «Comandos», ao som do Hino Nacional e perante sócios e amigos, numa breve e sentida cerimónia que precedeu o acto solene da inauguração da sede,



O momento solene do içar da Bandeira



Cerimónia da deposição de uma coroa de flores no monumento ao Fundador da Nacionalidade

a partir daquele momento, subdelegação do Minho da Associação dos Comandos.

Terminadas as formalidades da inauguração da sede, teve lugar na histórica Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, a celebração da Santa missa por intenção dos «Comandos» mortos no cumprimento do seu dever. No templo, repleto de fieis que se juntaram aos «Comandos», via-se junto do altar-mor as Bandeiras Nacional e dos «Comandos» e guiões de delegações e subdelegações.

PUBLICIDADE

rotasol

EMPREENDIMENTOS DE TURISMO DO ALGARVE, LDA.

CAMPING



VALVERDE

Classificação Turismo
Instituição de Utilidade Turística

DELEGAÇÃO:

Trav. Conceição da Glória, 7 - Sala 3
1200 LISBOA
Telefones 37 07 55/37 24 05
Telex 1361 CIRMÃO P

PUBLICIDADE

JIVAGO

alfaiates



camiseiros especializados



Rua Augusta, 125 - 127

TELS: 32 26 71/32 72 28

— LISBOA 2 —



Aspecto do desfile em direcção à estátua de D. Afonso Henriques



O Presidente da Subdelegação do Minho, Rodolfo Rodrigues Pereira, recebe o Guião das mãos do Coronel Correia Dinis

Na Homília o celebrante, Rev. Padre Abel, capelão de «Comandos» referiu com acentuado sentido patriótico os altos valores morais que desde a fundação do Reino, sempre iluminaram o rumo dos Portugueses. Lembrou ainda que aquele momento, situando na velha cidade de Guimarães o ideal «Comando», precedia o início dum ciclo litúrgico, o Ciclo do Advento, que quer dizer esperança.

Após a missa, muitas pessoas se associaram aos «Comandos» que em desfile se dirigiram para o monumento a D. Afonso Henriques, junto ao castelo da cidade, onde foi colocada uma coroa de flores com a dedicatória: «Homenagem dos Comandos ao I Rei de Portugal».



Francisco Mouroy Zamitte de Passos, um AMIGO que devotadamente se empenhou na criação da Hoste, já integrada nas actividades da Subdelegação do Minho

Terminada a cerimónia, depois de guardado um minuto de silêncio, pelos «Comandos» mortos na defesa da Pátria, realizou-se num aprazível local dos arredores da cidade, um almoço de confraternização da família «Comando», durante o qual se proferiram palavras de elevado sentido patriótico e de enaltecimento aos que com nobreza e honra interpretam a mensagem contida no CÓDIGO COMANDO.

Delegação Regional da Madeira da Associação dos Comandos

No passado dia 2 de Fevereiro foi solenemente inaugurada no Funchal, a Delegação Regional da Madeira da Associação de Comandos.

Ao acto inaugural, que decorreu nas instalações da sede, na Rua 5 de Outubro, 19-1.º E, teve grande relevo regional e emotiva participação de todos os «Comandos» residentes na Ilha, estiveram presentes os Senhores General Soares Carneiro e Victor Ribeiro, respectivamente, Presidente da Assembleia Geral e Presidente da Direcção Nacional.

Entretanto, na véspera, a representação que se deslocara à Madeira apresentou cumprimentos às entidades Civis e Militares da Região Autónoma, tendo de todas recebido o melhor acolhimento e compreensão relativamente aos problemas Associativos apresentados.

À noite, a convite do Governo Regional, realizou-se um jantar de boas-vindas, com a presença de personalidades da vida social, política e militar da Ilha, durante o qual usou da palavra o Chefe do Executivo Dr. Alberto João Jardim, que ao usar da palavra, referiu a confiança do país naqueles que com elevado sentido patriótico constituem as fileiras activamente vigilantes e empenhados no engrandecimento da Pátria.



Apresentação de cumprimentos pelo Presidente da Direcção Nacional, Victor Ribeiro e o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, General Soares Carneiro



General Soares Carneiro.

Homenagem ao General Soares Carneiro

Com a simplicidade e o toque de não formalismo que é apanágio dos convívios entre «Comandos», realizou-se no passado dia 19 de Março, no Restaurante da Feira Internacional de Lisboa, um jantar que reuniu cerca de uma centena de associados. O Jantar, lautamente servido, foi pretexto para reviver longas amizades e para cultivar aquela cavaqueira usual em encontros deste tipo. Presentes os recém promovidos General Soares Carneiro e Brigadeiro Almeida Bruno. Na circunstância usaram da palavra os Coronéis Jaime Neves e Santos e Castro, além do Comandante Vítor Ribeiro, que, em breves improvisos, exaltaram as virtudes militares e de porteguesismo demonstrados ao longo das suas carreiras pelos primeiros oficiais generais da Família Comando. No final, brindou e agradeceu o General Soares Carneiro.

Major Glória Belchior

Encontra-se em franca recuperação no Centro de Alcoitão o Sr. Major Glória Belchior que no finais de 1979 foi bruscamente acometido de doença que lhe afectou o sistema nervoso central (doença de GUILLAN BARRÉ — vírus nos centros nervosos).

«MAMA SUME» faz votos para que, tão breve quanto possível, o Major Glória Belchior regresse ao seio de sua família totalmente recuperado.

Ciclo de Palestras

Vai realizar-se em Lisboa, durante o ano em curso e com periodicidade mensal, um Ciclo de Palestras (Painéis) subordinadas ao tema «Contributos para a História dos Comandos». Com esta iniciativa pretende-se, por um lado e numa perspectiva histórico-militar, dar a conhecer, em especial às novas gerações, quais foram as motivações e a génese do Ideal Comando, assim como relatar fidedignamente acontecimentos significativos que conduziram à consolidação do Esforço Comando. Por outro, que os vários trabalhos de pesquisa que servirão de base às teses a apresentar, venham posteriormente a ser compilados de forma a constituirem a História dos Comandos Portugueses.

Será analisado e descrito o Esforço Comando nas três frentes de guerra ultramarina — Guiné, Angola e Moçambique —, e a importância dos seus Centros de Instrução e o de Lamego, tal como o que se processa, na actualidade, tanto no Regimento de Comandos da Amadora como na Associação de Comandos.

Para além destes temas de especial interesse para nós, por neles directamente termos estado envolvidos, outros, também de elevado valor, terão lugar. Referimo-nos às Associações internacionais congéneres, nomeadamente, aos Pára-Comandos Belgas e aos Comandos Ingleses de cujas acções tratarão conceituadas individualidades a elas intimamente ligadas.

A primeira palestra desta série terá lugar no próximo dia 16 de Maio pelas 21,45 horas no Hotel Sheraton, sendo orador o sr. ten.-cor. Lousada que abordará o tema «Comandos Portugueses — A origem». Todas as sessões são compostas de duas partes, sendo na primeira, expôsto o tema em questão e na segunda, após um intervalo, mantido um diálogo entre a assistência e os componentes da Mesa.

A Mesa será constituída pelos Srs. Vítor Ribeiro, Presidente da Direcção Nacional da Associação de Comandos; Generais Venâncio Deslandes e Bettencourt Rodrigues, ao tempo, respectivamente, Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola e Chefe de Estado-Maior do Quartel-General da Região Militar de Angola; Brigadeiro Jasmim de Freitas, ao tempo, Comandante do Centro de Instrução de Comandos; Ten.-Cor. Lousada e Major Caçorino Dias, também ao tempo, oficiais Instrutores do Centro de Instrução de Comandos.

Ao falar-se da origem dos Comandos Portugueses há que distinguir três fases embora estas estejam intimamente ligadas. A primeira diz respeito aos acontecimentos no ZEMBA — sendo sobre estes que a primeira palestra tratará —, a segunda aos da QUIBALA e a terceira aos do Centro de Instrução de Comandos de Luanda.

Ainda sobre o tema «Comandos Portugueses — A origem», o conteúdo da segunda palestra constará das fases da QUIBALA e do CIC de Luanda, sendo orador o Sr. Coronel Santos e Castro, ao tempo, Comandante dos Centros de Instrução. Esta palestra realizar-se-à no dia 18 de Junho também no mesmo local e pelas 21,45 horas.

DECIDA-SE!

Anunciar em MAMA SUME requer uma empresa dinâmica. Ser assinante obriga-o a ser exigente.

Justos e Pecadores



Manuel de Portugal

É extremamente curioso verificarmos como, no conceito popular, apenas em cinco anos decaíu a noção factual do 25 de Abril e a reminiscência histórica do MFA.

Com efeito quem se desloque ao longo do País e fale com as gentes simples do Povo que realmente trabalha, tenha ouvidos que saibam ouvir, paciência e resignação para atentamente escutar os largos desabafos de incontidas decepções, verificará, nos mais variados grupos etários, nos mais antagónicos estratos sociais, um mal-estar por tal forma generalizado que começa agora, a ser já preocupante. Este mal-estar social, derivado do contínuo abaixamento do poder de compra, da fiscalidade progressivamente agravada, da inflação sem controlo e de carências que dia-a-dia se vão acentuando, é imputado, nalguns casos com exaltado ódio, ao bode expiatório do 25 de Abril, data de Esperança nos tempos imediatamente próximos à acção do Movimento, data de ignominiosa vergonha quando se desvirtuou o Programa, para, servindo o interesse estrangeiro, se implantar a traiçaõ.

É erro comum, generalizado e fácil, tomar o todo pelas partes ou partir do caso isolado para a universalidade da lei. De tudo quanto de negativo se introduziu na sociedade Portuguesa, por força da revolta de Abril, se culpa os militares na rigidez dum bloco, sem as excepções, pontuais e honrosas, que em tudo há. «*A culpada disto tudo é a tropa*». Frase corriqueira e banal que se ouve em linguagem popular e chã, ou em intelectualizadas variantes de igual ou mais ofensivo sentido. Desemprego e droga, delinquência ou desastres, desgraças, fome e ruínas, tudo vem do castrense, da revolução, do quartel. Presentemente o Povo que todas estas situações são transitórias, susceptíveis de serem melhoradas, corrigidas, extintas até. Um fenómeno, porém, pela transcendência do acto, pelas repercussões no colectivo nacional, abalou profundamente a estrutura mental dos Portugueses, quer pela força-choque do modo indigno como foi praticada, quer pela irreversibilidade dum fenómeno que traumatizou, em simultâneo, três gerações e do qual não há correcção possível, para todo o sempre. Referimo-nos, como o Leitor já se apercebeu, à Descolonização.

É evidente que, em face da evolução do Mundo depois do término da Segunda Guerra Mundial, se deveria ter encontrado uma nova forma de vivência político-administrativa para as Colónias Portuguesas, à pressa envergonhadamente crismadas, à última hora, de Ultramar, «tout court». A velha pecha jacobina do exarcerbado centralismo da capacidade de decisão, a teimosia cega e casmurra de tentar manter estruturas tradicionais que, na prática, ou estavam ultrapassadas ou já não funcionavam mesmo, proliferada multiplicação de escalões e tempos de tramitação de situações e assuntos a resolver, acabariam por transformar as velhas e submissas Colónias, a médio ou longo prazo, em focos de contestação à zona do Poder situado em Lisboa, Capital do Império, e no Terreiro do Paço, capital do Império da Burocracia.

Populações brancas e negras, nascidas em terras africanas e que não tinham de PORTUGAL continental, como noção de Mãe-Pátria, senão uma ideia mítica, vaga, difusa e confusa, começavam a aperceber-se dum incipiente desejo de se libertarem de quem, por muito longe, se não inteirava dos seus desejos, aprofundava suas questões e compreendia as reais necessidades de evolução e progresso. Esta realidade, sobejamente conhecida de quem viveu o problema africano, era, contudo, de reflexo efeito. Para o colono nascido ao fim de três ou quatro gerações em Angola e Moçambique, a noção de Pátria se encaminhava, em directo, mais para a Tradição e Cultura das terras africanas, onde haviam vivido a meninice e a adolescência, do que para um País ignoto e longíquo donde lhe vinham, no vapor com horário, os governadores e as ordens, as autorizações e os preços. Até se iniciar, à escala mundial, a problemática da Descolonização, jamais o minhoto de Valença ou o transmontano de Murça se preocuparam com as efemérides ultramarinas, se é que algum dia se debruçaram sobre a magnitude da Ideia de se criar, macroeconomicamente a possibilidade dum Grande Espaço Português. Mas, duma certa maneira, para além destes óbices, para além das tremendas dificuldades que derivavam da distância e do tempo, subsistia uma comunhão quase inconsciente, mas constante, entre os polos ultramarino e continental. Sabiam os Portugueses das Colónias — que chegaram a ser infamemente classificados, no Bilhete de Identidade, como cidadãos de 2.ª classe... —, que descendiam dum Povo com oitocentos anos de História, irmanando-se, por direito próprio, uma coesão humana que os inseria num contexto diferenciado da evolução da Humanidade. A ascendência marca, nos homens, nas tribos e nos povos, uma certa satisfação, uma auto-satisfação de nos sentirmos diferentes. Como um «pedigree» a provar que nos podemos considerar oriundos de gente de valor. E não descendentes de pobres ignorantes sem história. Por outro lado o continental, asfixiado psicologicamente na pequenez do rectângulo pátrio, mesmo que não partisse, sabia poder, em qualquer altura que o desejasse, fazer as malas e demandar a fortuna, na carta de chamada do cacau ou do algodão, na terceira-classe modesta dum velho e enferrujado cargueiro das carreiras «das Áfricas»

Esperava-se um renascimento gerou-se um holocausto

Este estado de espírito, esta vivência internacional, esta comunhão de credos e esperanças, forjou o Império, instituíu as Colónias, acabou Ultramar.

Descolonizar deveria ter sido o quebrar do vínculo sem retirar a uns o justo orgulho duma nobre ascendência e a outros a Esperança na manutenção de espaços abertos, não mais em colonizadora missão, mas em emigratório fluxo como, simplesmente, se de outras Franças se tratasse. Esperava-se um Renascimento. Gerou-se um Holocausto. Aspiravam os autóctones da África imensa a serem senhores de si mesmos e do seus destinos, desligados não duma Tradição e duma Cultura herdadas no código genético e bebidas no leite materno, não mais subordinados a outras etnias, a outros poderes ou a outros, despóticos e longínquos centros de decisão e Poder.

Treze anos de ininterrupto combate

Invertendo o sentido do pensamento de Clausewitz, no caso da guerrilha terrorista africana, quase poderíamos dizer que a política seria a cessação da guerra por outros meios. Treze anos de ininterrupto combate mostravam, sem dúvida aparente, o sintoma da premente necessidade de se encontrarem outras soluções, para se conseguir uma evolução gradual que conduzisse à Paz, verdadeira, duradoura e estável. Tal teria sido possível em 1974. Tal teria sido possível, ainda, em 1975. Porque o não foi? Pelo descalabro das estruturas herdadas do Antigo Regime? Pela anarquia programada que, artificialmente, se instalou no País? Pelo bloqueamento dos mecanismos do bom-senso do Povo? Por tudo, um pouco. Se a guerra é a continuação da política por outros meios, julgamos que a Guerra Colonial acabou em hecatombe porque o inimigo teve meios para infiltrar agentes da sua confiança nos centros de decisão do Poder. Esta a realidade. Uma análise superficial à chamada Descolonização Vergonhosa do Ultramar Português mostrar-nos-á que à Administração Portuguesa se sucederam Estados com governos declaradamente marxistas — leninistas, apoiados internacionalmente pela máquina ideológica do Comunismo, garantidos pela força bélica das armas soviéticas em boas mãos de legionários cubanos. Uma análise exaustiva demonstrará que esta rápida e atabalhoada transmissão de poderes só foi possível pela implantação dum esquema

PUBLICIDADE








HOTEL ALTIS



SE O SEU NEGÓCIO É NEGÓCIOS...
QUE SOLICITAM A SUA PRESENÇA EM LISBOA,
SOMOS REALMENTE O HOTEL QUE LHE CONVEM

Porque...

SOMOS UM HOTEL PORTUGUÊS
COM CATEGORIA INTERNACIONAL...
A DOIS PASSOS DE TUDO EM LISBOA

★ **Localização central e tranquila**
★ **Quartos confortáveis e espaçosos**
★ **Excelente serviço**
★ **Dois restaurantes e dois bares**
★ **Garage privativa**

★ ★ **Salas para reuniões de 10 a 700 pessoas**

Adress: R. Castilho, 11
1200 LISBOA — PORTUGAL
Telephone - 56 00 71

CABLE — Altisotel
Telex — 13314 Altis P

de subversão programada, dum plano de desestabilização rigorosamente cumprido, duma imposição coerciva por parte de minorias ideològicamente revolucionárias que paralisaram, pelo saneamento, pela ameaça, pela chantagem, e até pelo assassínio (Maggiollo Gouveia, entre outros), uma maioria que, sensatamente, preconizava uma evolução gradual, tècnicamente mais defensável em termos geopolíticos e mais consoante com a identidade Portuguesa e os verdadeiros interesses da Nação.

Os agentes a soldo do estrangeiro

Tal se não efectuou. Os agentes a soldo do estrangeiro, nas mais variadas maneiras de se estar a soldo de alguém, imprimiram à Descolonização um rumo nitidamente subordinado à estratégia e interesses mundiais do Imperialismo soviético. Actuaram, assim, por ainda subsistir, em termos factuais, um estado de guerra, num verdadeiro espírito de Alta-Traição que, durante os próximos anos do século, hão-de manchar as gloriosas fardas do Exército Potuguês. Perante um processo de alienação de parcelas que histórica, jurídica e sentimentalmente, constituiam um todo na globalidade do conceito universal da Pátria Portuguesa, deverão, ou poderão, os intelectuais, acusar de cobardia, de comodismo, de castração, os Militares como classe, como corpo, como Exército, como Marinha, ou como Força Aérea, se essa mesma classe, se esse mesmo corpo, deu o melhor do seu esforço, do seu sacrifício, da sua dedicação, em treze anos de lenta e contínua guerra? Porque sete ou oito militares traiam os juramentos que haviam proferido, porque meia-dúzia de traidores se bandearam para o lado do inimigo declarado e confesso, porque um grupo reduzido desarticulou, totalmente os esquemas de Defesa que nos podiam, ainda, permitir negociar com Dignidade e com Honra, vamos inferir, vamos aceitar, vamos escrever, que a totalidade do castrense é indigna, que a totalidade da Família Militar se encontra desonrada? Pela nossa parte, julgamos que não. Porque sempre defendemos que não deve o justo pagar pelas culpas, conscientes e graves, do pecador que traíu. Se temos que dar a César o que de César é, e o seu a seu dono, reponha-se a Verdade histórica, abra-se um debate sério e profundo, à escala nacional, sobre a controversa polémica da Descolonização, dissequem-se os vectores e os parâmetros em que se debatia a sociedade Portuguesa quando tal catástrofe ocorreu. Sobre esta matéria, perigosa e escaldante, difícil será, senão impossível, impor um manto de silêncio quando tantas vozes se querem fazer ouvir, em louvor de quantos foram silenciados para sempre e hoje já não podem falar. Livro Negro ou Branco, da negra Descolonização que em azíaga e negra hora se fez, contra negros e brancos que, todos, Portugueses eram, se tem de escrever para que, em rigor e Verdade, a História se faça de tão conturbada e desditosa época de então.

Se irreversível é, na marcha do processo histórico, a atraiçoada Descolonização que à Pátria Portuguesa impuseram, já a imagem pública dos Militares é passível de ser recuperada, a curto prazo, desde que se proceda, por forma clara e inequívoca, ao exacto levantamento das culpas daqueles que não souberam cumprir os seus deveres, por cobardia ou interesse, por cálculo ou medo, por suborno ou totalitária tentação do Poder. Se a Descolonização não foi exemplar, que o seja a Punição Exemplar que tais indignos actos de desonra merecem. Porque na vida militar, como na civil, tanto ao general, como à mulher honrada, não basta aparentar seriedade. Há que ser sério, mesmo. Manter, nos escalões do Poder, indivíduos ou grupos que, clara e inequivocamente, reflectem sobre as Forças Armadas as trevas da desonra, da vergonha e da traição, é impedir todo o Povo Português de poder rever no «Espelho da Nação» o último baluarte dos valores perenes que nos garantiram a continuidade temporal de oito séculos de História, onde escreveram, com sangue, suor e lágrimas, as mais nobres epopeias, as mais gloriosas gestas, as mais belas páginas do Livro Sagrado do Povo que somos, pela graça de Deus e dos homens que PORTUGAL fizera e perpetuaram no decurso do tempo.

Duma certa maneira há que descolonizar, agora, as Forças Armadas. Das colónias de traidores que se acoitaram no seu seio para as destruir, para desestabilizar, para as subverter. Agentes de ruína e traição que se conseguiram habilmente infiltrar e ocupar até, indevidamente porém, alguns altos cargos na hierarquia castrense, constitucional e política.

Se o justo não deve pagar pelo pecador há que cumprir o ensinamento cristão da misericordiosa obra de «*castigar os que erram*».

E muitos erraram, de facto.

Quando serão castigados?

Os Militares justo que o digam...

Manuel de Portugal

DEFESA NACIONAL

Circunstâncias de tempo e de lugar acrescentam subida ênfase à visão tradicional das três condições de benefício social, em que a primeira se identifica com a melhoria da produção incluindo o aumento dos recursos sociais, a segunda exige o ajustamento da distribuição no sentido de corrigir desigualdaes, e a terceira diz respeito aos serviços de protecção à colectividade contra desordens internas e ataques do exterior.

truz PRONTO A VESTIR PARA SENHORA

Numa terminologia que se pretenda actual, o conceito expresso corresponderá ao Interesse Nacional, o qual engloba, com variações diversas, o bem-estar social, a justiça social e a segurança nacional.

1. Neste contexto, a Segurança Nacional

— singifica a preservação da sobrevivência e da independência nacional contra todas as formas de ameaça;

— tem por bases a coesão e a unidade da Nação e a determinação e capacidade para manter ou restabelecer o estado de equilíbrio e de paz, essencial à prossecução das suas necessidades e aspirações.

2. Da conceptualização apresentada devemos concluir:

— a política de defesa duma nação confunde-se com a sua política global pois que, reflectindo o destino nacional, tem de abranger as medidas socioeconómicas, de política interna, culturais, diplomáticas, de comunicação social e militares que sectorialmente concorrem para a segurança nacional;

— é totalmente errado pretender reduzir a defesa nacional à defesa militar sua componente, e, consequentemente, circunscrever o dever de participar na defesa nacional ao serviço militar ou serviço cívico prestado por cada cidadão de acordo com a sua condição e capacidades;

— será por consenso nacional e pela vontade de defesa que se manterá o espírito de defesa nacional, assente, pois, na disponibilidade permanente de cada um de nós para, com armas ou sem armas, nos afirmarmos ao serviço de valores autênticos e ordenados ao desenvolvimento, à justiça e à paz.

3. Para nós, «comandos», o patriotismo não é um sentimento anacrónico.

Mas, para que de contínuo se verifique, importará que reflictamos sobre os valores que o alimentam e os fins que serve.

É a visão do futuro que leva os homens a agir.

E só na acção, ao serviço da Pátria, o «comando» se realiza.

MAMASUME



A Estátua ao Comando

Uma obra que me satisfez como artista e me honrou como homem

A primeira grande crise de trabalho na minha vida de escultor, surgiu após o 25 de Abril. Como nunca averiguei devidamente as suas causas, mantenho ainda a dúvida se terá sido uma consequência, se... uma coincidência.

Mas foi essa crise que me levou ao Regimento de Comandos, apresentando-me ao Coronel Jaime Neves, por intermédio de um amigo comum, à procura de trabalho — um trabalho cujo significado interpretasse emocionalmente a minha posição de artista perante a revolução — e preenchesse, necessariamente, o vazio do meu atelier.

Dessa visita resultou o projecto de um monumento ao Soldado «Comando»; aliás, ele estava no espírito do Coronel Jaimes Neves, pois nunca poderei esquecer a expressão de homenagem àqueles que com o sangue e com a vida honraram a missão do Regimento: «— nunca renegarei os meus mortos».

E assim, foi acordado fazer o monumento ao Soldado «Comando».

Beneficiou esse trabalho duma técnica adquirida em trabalhos anteriores no mesmo material, destacando-se o monumento aos páraquedistas, em Tancos, feito há anos, esculpido directamente em chapa de cobre sobre uma estrutura de aço inox. Em Tancos, utilizava 12 m2 de chapa e cerca de 900 metros de solda enquanto na Amadora foram utilizados 24 m2 de chapa de cobre e cerca de 2 Km de solda de prata.

A «maquette» inicial surgiu de um jacto. A ideia do «Comando» impôs-se talvez porque a imaginação tenha sido ajudada pela imagem de disciplina e de bravura construída na luta heróica, nem sempre conhecida mas adivinhada por aqueles que, como eu, só a viveram através do esforço de irmãos, de alunos ou amigos que por lá morreram ou que, se voltaram, se apagaram modestamente no dia-a-dia das pessoas simples.

Da primeira «maquette», que guardo como das coisas mais preciosas que as minhas mãos criaram, desenvolvi uma segunda «maquette» — actualmente no Regimento de Comandos — com 40 cm de altura. Representa um combatente em atitude de avanço, olhando em frente, ligeiramente flectido num esforço de atenção e empunhando a arma; a perna direita em posição de sobrepor um obstáculo.

Sob a figura, e acima da base, um círculo simboliza os obstáculos que a todo o momento se deparam numa acção de combate.

Aprovada a segunda «maquette» começou o seu desenvolvimento, atendendo ao local amplo onde seria inserido o monumento. Apontou-se assim para uma figura de 3m de altura, que corresponderia a 4,5m se a figura estivesse erecta.

A base devidamente estudada desde a primeira «maquette», resultou num bloco de 45 toneladas saído das pedreiras de granito de Monforte, pertencentes à firma de granitos da Macieira.

Foi este bloco extraído a fogo, e a fogo trabalhado, por um processo pouco conhecido em Portugal: com uma lança térmica, o granito foi moldado, até atingir a forma desejada.

truz PRONTO A VESTIR PARA SENHORA

Curiosamene, na pedreira, o enorme bloco ao ser destacado da bancada gigantesca, foi logo apelidado pelos cabouqueiros, de «Jaime Neves» — homenagem expontânea daqueles homens simples.

Um estorço colectivo para a feitura do monumento, que começou ali mesmo na pedreira, foi seguido por todos os que ajudaram a transportar e colocar a pedra, desde o polícia de trânsito até ao grueiro, desde o mestre de obras aos soldados que desenharam letras, que soldaram o círculo forjado, que o pintaram, que plantaram as relvas, que alinharam as lápides que, numa palavra, ajudaram a executar o traço arquitectónico do meu filho arquitecto Leopoldo S. Branco.





Há que não esquecer o Tenente Fevereiro que tantas vezes ajudou com os seus conselhos.

Durante dez meses de trabalho paciente e por meio de medidas e escalas foi surgindo a estátua. Primeiro, a estrutura em tubos de cobre, depois as botas com 60 cm de comprimento, as pernas, o tronco e os braços esboçando o empunhar da arma, a cara rude, olhando determinada para a frente e todos os pormenores da farda e do equipamento.

Por vezes alguns antigos e actuais «Comandos» davam as suas opiniões e sugestões sobre pormenores e, foi assim, que surgiu o lenço começado a usar em Moçambique o atilho no boné, as calças por dentro das botas, etc.

Este vários contributos, aliados a descrições de situações vividas por cada um dos visitantes do atelier, enriqueceram-me extraordinariamente, dando-me um conhecimento que permitiu um realismo do trabalho que, a meu ver, era essencial para criar aquela figura, representante de uma época que fecha a gesta heróica das descobertas e do Portugal no mundo — isto sem aprofundar a razão deste fecho e algumas figuras deste processo.

Não me compete a mim fazer história, mas umdia será feita, e será separado o trigo do joio, os heróis dos traidores e os que cumpriram dos que traíram.

No ano seguinte ao da inauguração do monumento, foi este completado com uma chama simbólica suportada por três metralhadoras com as respectivas boinas e emblemas esmaltados, bem como por mais de 300 lápides com os nomes dos mortos em combate.

Estas lápides assentes em blocos de granito são pequenas réplicas da base da estátua e têm gravados nomes que através dos tempos, ao sol e ao vento, sempre poderão ser lidos com reverência por aqueles que, apesar de tudo ainda acreditam em Portugal!

Domingos Soares Branco
Escultor

truz



Tiro



Por: cor. Roberto Durão

1 — Preparação física do atirador

Sobre a preparação global de um atirador de competição, nos seus três aspectos — físico, técnico e psíquico — vamos hoje dar-vos uma ideia, embora muito genérica pois é matéria muito vasta, da preparação física do atirador quer seja de pistola ou de espingarda.

A — GENERALIDADES

A preparação física tem um papel fundamental e nunca deve ser encarada como um treino a realizar apenas casualmente ou imediatamente antes da prova. Sendo assim é um erro grave, pois só prejudica o atirador. Ela deve ser, portanto, progressiva, doseada e sobretudo adaptada à idade e condições físicas naturais do praticante.

Têm grande importância os exercícios matinais, simples e relaxantes que deverão tomar o aspecto de rotina normal. A longa distância das provas, a preparação física pode ser mais intensa mas na proximidade, ela deve ser moderada e reduzida, podendo até ser interrompida três dias antes da prova e retomada logo a seguir.

Os exercícios devem ter como objectivo fortalecer os músculos (em especial mãos, antebraços, abdominais, ombros, etc.) e também desenvolver a flexibilidade do corpo e a coordenação de movimentos. Também a resistência e a capacidade cardiopulmonar que se reflectem num perfeito equilíbrio emocional e controlo nervoso devem ser melhorados através da corrida de «endurance», ciclismo e natação. Naaquecida, devagar e suavemente vimais aconselháveis. Nadar longas distâncias em piscina de preferência aquecida, devar e suavemente visando adquirir um bom ritmo respiratório e coordenação de movimentos, mas sem esforço demasiado, é uma prática excelente que muitos bons atiradores utilizam.

O treino físico deverá ser feito diáriamente ou, pelo menos, três vezes por semana, sendo absolutamente necessário dormir bem e evitar tomar pílulas para dormir ou qualquer droga ou excitantes, como tabaco, bebidas alcoólicas ou café, etc.

Daremos agora uma ideia genérica de como deve ser constituída uma sessão de ginástica tipo «CIRCUIT-TRAINING» para pistoleiros, uma vez que para os carabineiros as diferenças não são grandes, procurando-se apenas desenvolver grupos musculares diferentes.

B — TREINO EM CIRCUITO PARA PISTOLEIRO

Estes exercícios destinam-se a melhorar a condição física e a força muscular especial em geral de todo o atirador de pistola. É evidente que a gama dos exercícios apresentados pode ser completada e alargada.

EX.º N.º 1
Saltitar em descontração no mesmo lugar para aquecimento geral (pode ser feito com uma corda).

EX.º N.º 2
Em posição de queda facial, fazer extensões enérgicas dos braços mantendo o corpo direito (em prancha).





EX.º N.º 3
Deitado dorsal (bem estendido) elevar penas e braços ao mesmo tempo e pocurar tocar com os dedos das mãos nas pontas do spés.





truz PRONTO A VESTIR PARA SENHORA

EX.º N.º 4

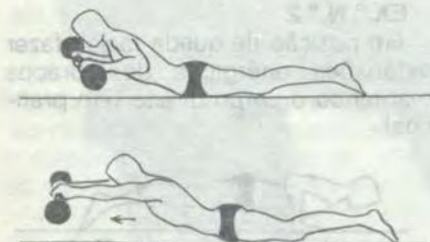
Arranjar uma barra cilíndrica de madeira onde está pendurado a meio um peso de 3 a 5 Kg., por meio de uma corda ou correia. Fazer rodar a barra com os braços estendidos à altura dos ombros por forma a enrolar completamente a corda ou correia. Parar somente quando o peso estiver encostado ao pau. (óptimo exercício para os músculos do antebraço)



num sentido e noutro, isto é, enrolar rodando o pau para a frente ou para trás.

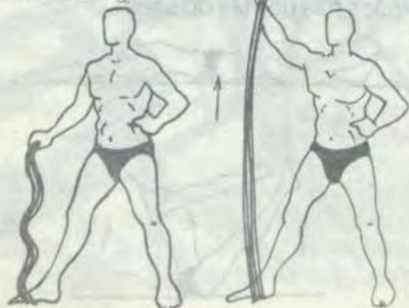
EX.º N.º 5

Deitado ventral segurar com as duas mãos o peso de 3 a 5 Kg., a cerca de 10 cm. do solo, elevar ligeiramente o tronco e cabeça trazendo o peso até ao peito (por flexão de braços) e em seguida estender os braços.



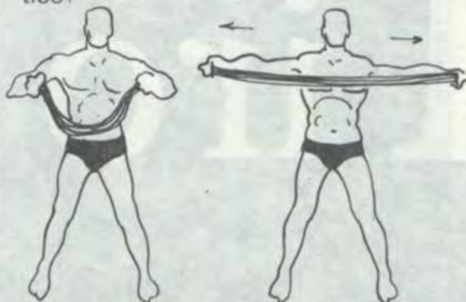
EX.º N.º 6

De pé, em posição de tiro, com um elástico forte (câmara de ar de bicicleta) — elevar o braço bem estendido, vencendo a resistência do elástico preso por uma ponta de baixo do pé. O braço inicialmente está em baixo (a cerca de 45.º). Elevação enérgica e rápida mas sem brusquidão. Baixar devagar.



EX.º N.º 7

Segurando o mesmo elástico ou câmara de ar com as mãos à altura dos ombros, braços estendidos em elevação anterior, abrir completamente os braços estendendo o elástico.



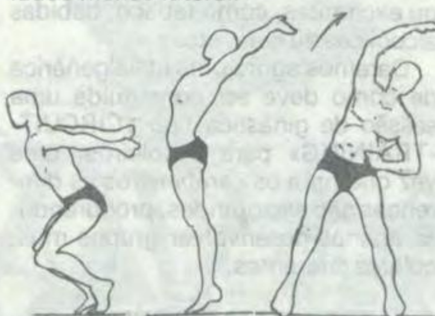
EX.º N.º 8

Com o mesmo elástico ou outro mais forte (tipo «SANDOWS») flectir o braço várias vezes (bom para desenvolver e tonificar o bicípede e o ombro).



EX.º N.º 9

De pé, oscilar o tronco em todos os sentidos, como num grande movimento pendular, em absoluta descontração e total estiramento dos músculos. Para a frente e para trás (flexão e extensão) e também para os lados (flexão lateral).



EX.º N.º 10

Marcha no mesmo lugar ou saltitar como no Ex.º N.º 1 ou ainda, corrida devagar em passo curto (cerca de 500 a 1000 m)

Há sessões de preparação física próprias para atiradores, quer de natação, corrida ou ciclismo que, como dissemos, são desportos complementares do tiro, de grande interesse, mas não podemos apresentar aqui essas sessões — tipo pois não cabem no âmbito deste artigo.

Para concluir, apresentamos as três qualidaes físicas fundamentais do atirador e que são:

a) — A «endurance» traduz-se na possibilidade de suportar um esforço de intensidade fraca ou média durante um período de tempo longo (caso de uma prova de tiro, sobretudo de precisão, tipo pistola livre a 50 m, ou carabina deitado). Esta qualidade da «endurance» deve estar, tanto quanto possível, ligada às duas seguintes: **velocidade e coordenação.**

b) — A **velocidade** — qualidade física que permite a execução de um gesto adequado, ou de uma sucessão de gestos (caso da velocidade olímpica, na pistola) o mais rápidamente possível e com plena eficácia, controlo e domínio perfeito. Esta qualidade está ligada à velocidade de transmissão de um influxo nervoso que varia de indivíduo para indivíduo consoante a excitabilidade de músculo e que pode melhorar-se com exercícios e um treino adequados.

C7 — **A coordenação** — qualidade física que permite combinar a acção de diversos grupos musculares com vistas a realizar uma sequência de movimentos com o máximo de eficácia, economia e, portanto, elevado rendimento.

Exemplo: Pistola STANDART (3 séries de 5 tiros em tempos bem diversos e portanto em ritmo bem diferente)

— 5 tiros em 150 s
— 5 tiros em 20 "
— 5 tiros em 10 "

Máxima eficácia em cada uma delas.

Nunca esquecer este princípio fundamental:

«Todo o treino físico em condições de fadiga é inútil e até pode ser prejudicial».

No próximo artigo falaremos da **PREPARAÇÃO TÉCNICA**, apenas nos aspectos essenciais ou sejam, os que dizem respeito à posição estável do corpo, boa execução do disparo («lachée») e forma correcta de apontar («visée»).

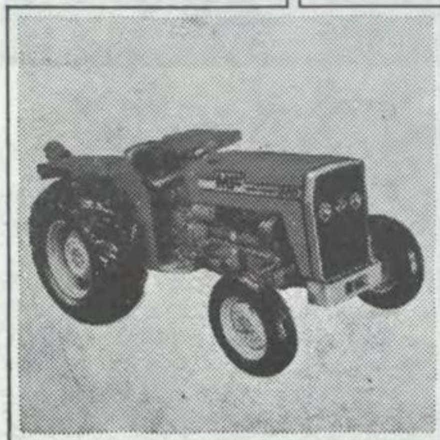
Roberto Durão

truz PRONTO A VESTIR PARA SENHORA

A NOVA LINHA MF 200

Massey Ferguson

MF240



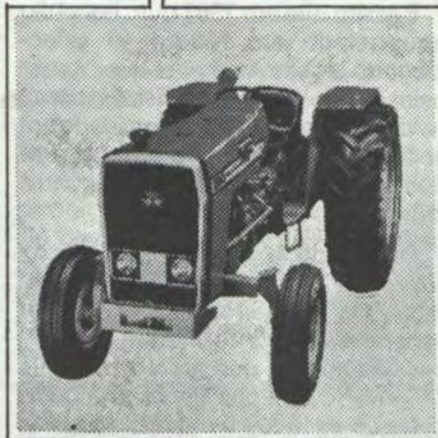
MF265



MF275



MF290



O FERGUSON foi um tractor excepcionalmente eficiente devido ao sistema hidráulico integrado que promove a transferência de peso da alfaia para o rodado traseiro do tractor, para aumentar a aderência.
O sistema, patenteado em 1929, foi imensamente aperfeiçoado.
Por isso ele foi incorporado na mais moderna linha **MF 200.**
Todas as altas características **MF** num novo perfil, em modelos adequados às necessidades da lavoura Portuguesa.

Agentes em todo o País.

Modelos desde 38 a 79 hp (rodas) e de 47 e 67 hp (rastos)

MF Massey Ferguson

TRACTORES DE PORTUGAL COMÉRCIO INDÚSTRIA, LDA.

Estrada da Circunvalação - letras TCD - Olivais Norte tel. 31 00 04/31 40 12 - telex 16421-P - 1800 Lisboa



DE NOQUI À AMADORA

A guerra é triste. Sempre o foi. Mas quando é preciso mantê-la tem forçosamente que ser aceite e feita.

A guerra em Angola durou 14 anos. Foram anos de expectativa, cheios de dor para muitas famílias, tanto africanas como europeias.

Era, quase sempre, uma guerra de combate de guerrilha aquela que se travava, onde o potencial bélico não é o ponto principal que possa conduzir à vitória, mas sim na maioria das vezes, na capacidade total, física e psicológica dos homens que a fazem. Era necessário, por isso, encontrar homens resolutos e aguerridos que fossem capazes de responder a um golpe com outro golpe, que soubessem inutilizar uma armadilha com outra armadilha, opôr à coragem uma coragem ainda maior, conhecer e estudar as fraquezas e a capacidade de resistência do inimigo. Em suma: **constituir unidades ligeiras, capazes de desalojar e desorganizar as forças inimigas nas suas próprias posições.**

É assim que em 1961 num batalhão aquartelado em **Nóqui** se seleccionam alguns homens que, tanto pelas suas condições físicas como pelo tacto de guerra — já revelado em acções anteriores — foram preparados para o combate de contra-guerrilha.

Este grupo, ainda não baptizado na altura, foi o percursor dos «Comandos». Os resultados não se fizeram esperar e a tal ponto chegou a sua fama nas acções que efectuaram que os grupos inimigos depressa começaram a evitá-los e sobretudo a respeitá-los.

Veriicou-se imediatamente por parte dos altos círculos militares de Angola que era de absoluta necessicade a preparação de outros grupos semelhantes.

Portanto, seleccionaram-se de outros batalhões, outros contingentes de homens, a quem se ensinou a técnica e a táctica de fazer a contra-guerrilha.

A sua fama cresceu e tornaram-se combatentes experimentados — verdadeira élite do Exército.

Aparecem os primeiros voluntários — os primeiros audazes — a quererem ser diferentes na forma e no modo de combater.

Num ápice, a sua fama estendeu-se além fronteiras!

Depois... criou-se o crachat para o peito, o emblema para a boina e finalmente ganharam o nome de «COMANDOS».

O PRIMEIRO CENTRO DE INSTRUÇÃO

Aqueles homens necessitavam de uma escola, foi então que se criou, em Zemba, em Julho de 1962, o primeiro Centro de Instrução. Os primeiros grupos de «Comandos» saídos deste Centro, ficarão para sempre na história dos «Comandos». Foram eles: os «Destemidos», os «Tigres» e os «Gatos». Pela primeira vez na Guerra de Angola homens destes grupos atravessaram de lés-a-lés as matas da Sanga e efectuaram muitas acções na região de Ambrizete. Mais tarde o Centro de Instrução de Zemba foi transferido para a Quibala Norte onde continuou a formação de outros grupos de «Comandos».

Em 29 de Junho de 1965, quatro, portanto após o eclodir das guerrilhas em Angola, foi constituído o CENTRO DE INSTRUÇÃO DE «COMANDOS», do qual foi primeiro comandante o então Capitão Gilberto Santos e Castro.



O então Cap. Santos e Castro, numa aula técnica de combate — (Quibala)

Neste centro são formados as primeiras companhias de «Comandos» actuando a 1.ª companhia de comandos em Angola e a 2.ª companhia de comandos em Moçambique.

Os resultados obtidos por estas tropas são surpreendentes e o seu incremento é notável, podendo-se mesmo afirmar que os «Comandos» justificaram bem a asserção de «o comando só se justifica em combate».

Surgem então em 1966 os centros de instrução de Lamego, em 1969 o de Bissau (Guiné), Monte Puez (Moçambique) e finalmente em 4 de Julho de 1974, forma-se na Amadora o batalhão de comandos 11, sucedendo-se a este o actual Regimento de Comandos em 1 de Maio de 1976.

Noqui — um buraco na fronteira

Abril de 1962. Escoavam-se os dias na deprimente espectativa de ordens para escoltar as colunas de reabastecimento. As noites eram negros suplícios nos abrigos do Morro do Administrador — fundas covas encharcadas da última chuvada, paraíso de mosquitos bailadores zumbindo eternamente.

Os rapazes evocavam peripécias das emboscadas e não viam a hora de saírem daquele maldito buraco, cavado pela Natureza no tracejado da fronteira. Durante a vigília, ouvidos alerta localizavam ruídos nas proximidades do arame farpado e o holofote, alimentado a bateria arrastada noite-a-noite morro acima, vasculhava as trevas e invariavelmente descobria gatos caçadores, olhos verdes ardendo no foco prateado.

Nóqui transformara-se numa sucursal do Inferno, mercê da tensão permanente, do clima doentio e da alimentação pobre. Em cada missão na estrada, os pelotões levavam a morte na alma, impotentes contra um inimigo de tocaia nos sítios mais imprevistos. Situações precárias tinham sido equacionadas com o auxílio do canhão-sem-recuo, manobrado pelo furriel Ambrósio — o «Pernalta» — e montando num jipe que conhecera melhores dias nos campos de St.ª Margarida.

O moral da tropa definhava e o caos psicológico vibrava nos gritos e estertores dos pesadelos. Frequentemente, as sentinelas da C.C.S. disparavam para o rio, acossadas por imagems alucinatórias de canoas abordando o quartel. O Carlinhos-ra-

PUBLICIDADE



TOMÁS DE OLIVEIRA
EMPREITEIROS, Lda.

OBRAS PÚBLICAS
E CONSTRUÇÃO CIVIL

Av. Visconde de Valmor, 20 - 4.º
Teles: 76 48 56 - 76 73 98 LISBOA



Quibala — 2.º Centro de Comandos

diotelegrafista espetou a baioneta na sombra que pela terceira vez passava diante da fresta do abrigo... e um cão fugiu latindo dolorosamente. Envelhecido pelo medo, o Roldão convalescia de um ferimento mais que cicatrizado, feito por um projéctil de 9m/m que lhe rasgara o peito e saíra desviado pelo esterno. Valter andava constantemente na estrada, substituindo o Roldão ou chefiando as esquadras de lança-granadas-foguete.

O ritmo das emboscadas cresceu a tal ponto que o Comando do Sector reduziu as colunas de reabastecimento e sujeitou-as a um calendário irregular que não permitisse à UPA fazer previsões sobre as datas da sua passagem — e assim se tornaram escassas as missões de escolta.

Devido à força do caudal, avolumado pelas cheias, os palhabotes recusavam-se a subir o rio; somente o Praia Morena, mais pela teimosia do Mestre João da Faquinha que pela força da máquina, conseguiu alcançar Nóqui ao fim de uma semana de luta contra a correnteza.



Santos e Castro passando revista a um grupo de combate — (Quibala).

Faltando o correio e os géneros, tudo contribuiu para o desalento que tomava civis e militares, votados ao ostracismo pelo rio hostil e por uma estrada traiçoeira facilmente controlada pelos guerrilheiros aboletados no Soio — a extensa sanzala contígua a Matadi, no outro lado da fronteira, onde milhares de angolanos viviam debaixo do sovaco da UPA, depois de terem sido empurrados de suas casas à força de ameaças e de violências, ou aliciados pela promessa da vitória fácil.


O então Cap. Jaime Neves, comandante da 2.ª Companhia de Comandos, em campanha

O francês

As atenções gerais convergiam para os jornalistas — um casal de olhos azuis e cabelos louros — chegados de fresco, em serviço de reportagem. O Comandante do Batalhão requisitara à companhia operacional um pelotão que os escoltasse à sanzala do Campo de Aviação, a quatro quilómetros da vila.

Na véspera, os dois pelotões saídos para a estrada tinham sido alvejados nos taludes da Lucala, a povoação abandonada mais propícia a flagelamentos, e o ataque prosseguira em todo o itinerário de regresso, até que a voz do canhão do morro calou os atacantes. Não se registaram baixas, somente um pormenor curioso: a «Mauser» do Travanca furada de lado a lado por um projéctil que atravessou a braçadeira metálica, o fuste e o cano, deixando um orifício redondo no aço bem temperado. Mesmo assim os franceses insistiram na visita ao Campo da Aviação, onde fotografaram as cubatas abandonadas — ainda mobiladas, como se os moradores tivessem partido à pressa... ou pensassem regressar dentro de pouco tempo. Ninguém perturbou o passeio.

Foi nessa noite que o alferes Gonçalo divulgou a notícia junto do pelotão, agrupado em redor do caldeiro de café fumegante que o jipão da cozinha deixava na base do morro. A psicose das noites mudas, povoadas de fantasmas, combatia-se a púcaros de café negro e cigarradas sorvidas na concha da mão.

— Pois a ideia do Francês é treinar um grupo especial, disposto a tudo — confidenciava o alferes, mãos trementes sob a chicotada da cafeína.

— E quem é que vai treinar esse grupo? — inquiriu Valter, metendo o caço de alumínio nas profundezas do caldeiro, com o devido cuidado, para não agitar as borras.


Destruição pelas nossas forças de um acampamento inimigo

— Ele mesmo, o Francês. Consta que combateu na Argélia e fez parte dos «Comandos», vocês sabem o que é... essa tropa especial que às vezes aparece nos filmes...

Valter assentiu com a cabeça, o rosto reflectindo a luminosidade da beata chupada até aos lábios. Gonçalo falava baixo, para não perturbar a quietude da vigília; esmagou o mosquito colado no queixo e prosseguiu:

— O Francês quase apostou com o nosso Comandante que em dois meses limpava a zona, com um grupo de vinte homens — sorriu no escuro, meneando a cabeça — Ele não sabe o que diz.

Valter hesitou um momento, franziu a boca em jeito pensativo e replicou:

— Olhe que não era má ideia, meu alferes. Não senhor, não era má ideia... Isto de andar na estrada, sujeito a levar um tiro sem saber donde... É caso para pensar. Podíamos acabar de vez com esta situação que só dá cabo da gente. Íamos à procura do inimigo onde ele estivesse e, cara a cara, seria outra loiça...

Logo pela manhã, mal refeito do sono perdido, o furriel Valter Simões foi o primeiro homem do Batalhão a ser chamado à presença do Francês. O Tenénte-coronel Almada Neves fez as apresentações:

— «Monsieur» Dante Vacchi... furriel Simões...

Valter fitou o meio-sorriso do jornalista, enquanto procurava vocabulário quase esquecido:

— «Enchanté, Monsierur Dante...»

O chicote da fortuna silvava novamente, riscando os caminhos tortuosos do Porvir.

Forma-se o primeiro grupo

Começaram os treinos logo que se seleccionou um grupo de cerca de vinte homens, recrutados nas fileiras da companhia operacional e da C.C.S. — gente rude, atrevida e irreverente, garotões de coração aberto, onde se contavam os transmontanos simples que sabiam ler nas pedras e nas folhas do mato, habituados de há muito aos caminhos solitários das montanhas, aos fardos carregados por noites escuras e aos tiros dos carabineiros da raia de Espanha. Além das praças integravam o grupo apenas os furrieis Valter e Leiria.

Alguns jovens cederam ainda no decurso da primeira semana de actividade intensa e dura. O sorriso cordial do Francês era tão eficaz como a forma intransigente com que dirigia os treinos: debaixo da aparência desprendida escondia-se a subtileza do psicólogo, cujo pulso de ferro, amaciado no veludo da camaradagem, só admitia falhas até aos limites do razoável. Registaram-se as substituições exigidas pela dureza dos exercícios e pela formação de um espírito de grupo que garantisse o êxito das missões: o «espírito comando», jovial e aberto, seguro e agressivo, responsável e coerente, persistente e solidário.

Definiram-se por fim as três equipas de combate, constituídas por cinco elementos coordenados por um chefe de equipa, num total de dezoito homens. Os furrieis comandavam as equipas de choque; a da retaguarda obedecia ao primeiro-cabo Lelecas, moço ponderado que gozava da simpatia geral.

A primeira manobra ensinada pelo Francês foi a «sauterelle» em todo o terreno, que permitia um envolvimento rápido e a tomada de pontos estratégicos, em saltos de gafanhoto capazes de desconcertar o inimigo mais confiante. Mal soava o alerta, os homens saltavam pelas janelas da escola-caserna e progrediam em lances envolvendo supostos objectivos. Os exercícios repetiam-se vezes sem conta e o grupo respondia como uma mola ao apito do Francês, ganhando um automatismo capaz de se sobrepor ao raciocínio.

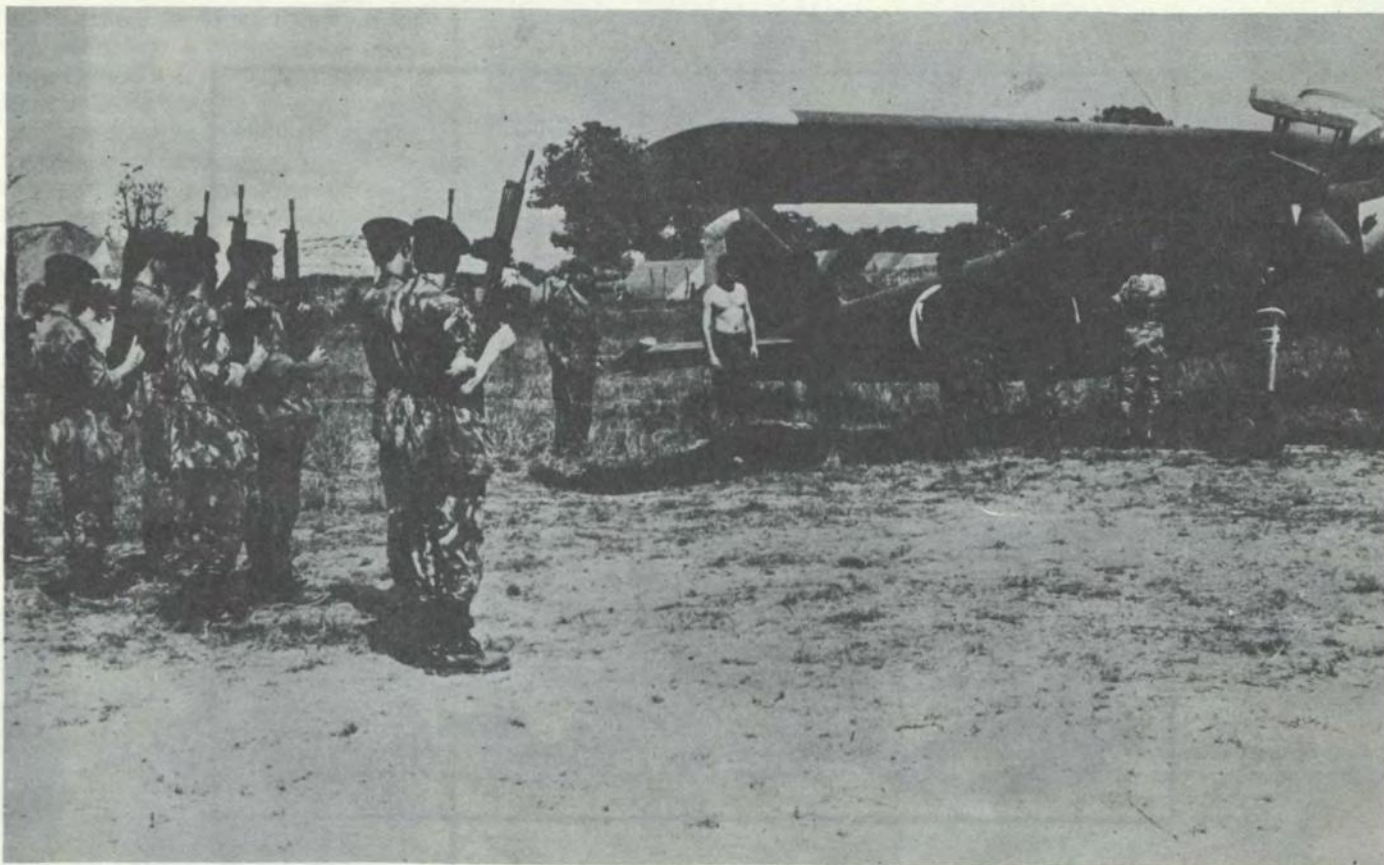
Depois foram as sessões de tiro instintivo e apontado, a luta corpo-a-corpo, o manejo e lançamento do punhal-baioneta das F.N. belgas recentemente distribuídas. A passagem de pontes com granadas e os golpes-de-mão às sanzalas abandonadas, simulando centrais inimigas, faziam-se nas redondezas da vila e exigiam espírito alerta... que a UPA espalhara sentinelas e não deixaria de aproveitar as oportunidades.

No final dos treinos e nos dias de folga, os instruendos dirigiam-se para as bases em grupos de três. «Desconfiar de tudo e de todos» era a primeira regra do jogo.

VICTOR SANTOS



Grupo de combate «Os Magníficos»



Última homenagem a um camarada caído em combate pela Pátria



Evacuação de um soldado ferido numa emboscada montada pelo inimigo



UM HERÓI DAS CAMPANHAS DE MOÇAMBIQUE

História, sempre a História! Os tempos correm e mudam. Os métodos, contudo, são sempre os mesmos.
os homens, a fim de subverter as massas trabalhadoras e as revoltar contra os poderes constituídos, renovam os velhos processos de agir e fazem profecias de futuros prósperos e de risonhas liberdades.

Tinham terminado as lutas entre os grandes estados europeus. A França do Grande Napoleão, tinha sido vencida pela astúcia flibusteira da Grã-Bretanha. Novos arranjos diplomáticos foram inventados. A pilhagem dos guerreiros não tinha chegado para sedativo das feridas da guerra...

Produziram-se novas conferências, ordenaram-se estudos...

As grandes potências, depois de terem saqueado tudo o quel lhes foi possível, olharam com cobiça os ricos territórios do Oriente e da Africa...

Os mais fracos teriam de pagar as dívidas dos mais fortes.

A decadência a que tinha chegado a economia portuguesa, depois das invasões francesas, da passagem dos contingentes infleses, das práticas revolucionárias dos liberais de 1832 e da incompetência ministerial dos seus governantes, não permitiu que Portugal pudesse provar a sua influência e a sua missão civilizadora.

As pretensões sobre os territórios

portugueses na África tomaram forma definitiva. A nossa velha aliada defendendo diplomaticamente a obrigação de cumprir os compromissos tomados nos velhos tratados, manejava os seus sequazes, traidores sem pejo, para obter parte de leão na partilha a projectar.

A ofensiva começa a ser executada. Numerosas expedições cruzam o continente negro. Missões missionárias protestantes instalaram-se na África portuguesa, pregando entre os seus dogmas religiosos a sublevação dos nativos...

Na Metrópole intelectuais, bacharelengos faladores, auxiliam com as suas práticas liberais a indisciplina e tornam difícil a administração do Estado.


Mouzinho de Albuquerque, em 1901

Caminha-se para a anarquia...

A podridão do regimen liberal desfigura a imagem da Pátria. Gente mesquinha, saída das coribécas, agentes de interesses alheios, enreda com intrigas sordidas, aqueles que pretendem lutar para salvar os restos do património Nacional. Contudo, ainda restam na Velha Lusitânia, homens feitos e moldados no espírito e na coragem dos grandes patriótas de Quatrocentos e Quinhentos.

Prestam serviço no Continente Africano, tanto em Angola como em Moçambique, homens de coragem e abnegação, desprezando os interesses Pátrios: António Enes, Caldas Xavier, Freire de Andrade, Aires de Ornelas, Paiva Couceiro, João de Almeida, Mouzinho de Albuquerque ..., e tantos outros. São, ainda, merecedores com a designação de Heróis, a quem a Pátria Portuguesa consagra a sua memória, os simples e modestos, mesmo humildes, soldados componentes dos Corpos Expedicionários de todos os Regimentos das Guarnições de Portugal.


Mouzinho de Albuquerque em Lourenço Marques, com os seus companheiros Eduardo Costa, João de Azevedo Coutinho, Gomes da Costa, Ayres de Ornelas, António Martins de Andrade Vellez, João Galvão, Alfredo Baptista Coelho e Dr. Baltazar Freire Cabral

Actos de coragem e de abnegação sucederam-se e ficaram marcados na História Portuguesa, pelo desinteresse com que se arriscava a vida só com os olhos postos no engrandecimento da Terra onde nasceram.

A coragem dos Chefes foi sempre semelhante à dos seus subordinados.

Deve-se salientar que após os ferozes combates de Coodela, quando se procede ao funeral dos caídos em combate, o valente Coronel Galhardo, ajoelha junto dos corpos dos seus soldados e, com as lágrimas caindo-lhe pelas faces, pede a todos os presentes uma oração ferverosa pela alma desses Heróis.

É em plena crise nacional, que o Rei D. Carlos I inícia o seu reinado. A luta que vai travar para a defesa do Reino que lhe entregaram para governar, é titânica. As Suas qualidades morais, o seu grande valor intelectual, a sua valentia e a sua sábia forma de conduzir os negócios nacionais e internacionais, vão ser postos à prova.

O prestígio deste Grande Rei, dum país tão pequeno, causa a admiração e o respeito no Mundo Civilizado. Contudo, a famosa diplomacia internacional, nojentos políticos sem escrúpulos, recorrem a todos os meios para vencer a vontade forte que se opõe, de momento, às suas intenções.

Servem-se da exploração política. Organizam manifestações e tumultos, discursos inflamados, pronunciados por membros das alfurjas manejadas internacionalmente por agitadores desclassificados, tomando por alvo o novo Rei, que o povo português aclamou e vitoriou.

A anarquia proclamada por intelectuais e bacharalengos assoldadados a interesses antipatrióstas, tudo tenta para a conquista do poder e das rédeas da Administração do Estado, e a sua ousadia é levada até aos meios militares. Soldados, menos disciplinados, menos briosos, projectam insubordinações e revoltas. Contudo, lá longe, nas terras agrestes de Angola e Moçambique, grandes patriótas ainda se batem no meio das maiores dificuldades para não deixar

desintegrar o património deixado por seus antepassados.

Era uma ofensiva contra o Rei ou contra a Monarquia constitucional, adulterada por um liberalismo importado?

O Rei tinha o respeito do povo honesto do seu reino, a sua fama e a sua grandeza moral era reconhecida em toda a Europa e no Mundo... A Monarquia liberal, imposta por místicos desnacionalizados, todos conheciam a sua origem, e estava desacreditada...

Na verdade em território português ainda havia homens onde reviviam as virtudes, os arrojos, e as venturosas maravilhas que fizeram na Idade de Oiro, a grandeza de Portugal. Como que, em lendária galeria, bem estranha, bem diversos daqueles que viviam na Metrópole, que lutavam por mesquinhas e míseras escaramuças partidárias, davam o seu sangue e a vida para o engrandecimento da Pátria.

Tantos, cheios de ardor combativo, iluminados pela antiga mística, amor ao lar materno, cairam no campo da honra.

Em tudo... «**não há apenas bravura, mas profundidade de sentimentos religiosos no cumprimento do dever, na emulação constante de si, mesmo de ideais, que os ultrapassam... só restando a Deus que muito os proteja...**»

Temos que terminar as nossas simples notas, já longas. É ainda tempo de descrever ou citar, embora resumidamente, a acção verdadeiramente notável de um dos nossos grandes soldados, que tudo sacrificou a bem da Terra onde nascera e que, para a podridão do liberalismo que desfigurou a Pátria, só encontrou um protesto colérico: o **suicídio.**

Joaquim Mouzinho de Albuquerque, nasceu na Batalha, em 10 de Novembro de 1855. Era filho de José Diogo de Mascarenhas Mouzinho de Albuquerque, director dos telégrafos e faróis do Reino, e de D. Maria Emília Pereira da Silva. Casou em 1879, com sua prima, D. Maria José Mouzinho de Albuquerque, filha do Dr. João de Mascarenhas Gaivão.

Assentou praça no Regimento de Cavalaria I, com 16 anos, em 23 de Novembro de 1871.

Cursou a Escola Politécnica e depois a Escola do Exército, sendo promovido a Alferes em 27 de Dezembro de 1876; a Tenente, em 31 de Outubro de 1883; a Capitão, em 12 de Dezembro de 1890; e a Tenente-Coronel do Estado-Maior da Arma de Cavalaria em 1901.

Depois de ter concluído o curso de cavalaria, matriculou-se na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Matemática, que frequentou até ao 3.º ano.

Em Abril de 1895, foi nomeado para comandar uma força de Lanceiros que fazia parte da Expedição a enviar a Moçambique.

Entrou em combates importantes e chefiou diversas campanhas. Tomou parte na Administração de Moçambique.



Régulo Gungunhana

Foi enquadrado numa coluna sob o Comando do Coronel Eduardo Galhardo em Junho de 1895, tendo-se distinguido no combate de Coodela (Dezembro de 1895).

O Comissário Régio, António Enes, em Dezembro de 1895, nomeia Mouzinho de Albuquerque para a difícil missão de Governar o distrito Militar de Gaza.

Ainda em Dezembro de 1895, o valente militar português aprisiona o régulo Gungunhana, e alguns familiares, na presença de 3000 vatuas (1). Este glorioso feito militar teve largas repercussões em todos os países com interesses em África.

A este cafre, chefe de revoltosos vátuas, dois emissários, Hulu e Unifeti, trazem de Londres o célebre presente da Rainha Victoria, uma taça de prata com a inscrição: **To Gungunhana from Victoria Queen...**

Em 6 de janeiro de 1896, faz entrega dos seus prisioneiros — Gungunhana e familiares — no Palácio do Governo de Lourenço Marques.

Por distinção, foi promovido, em 21 de Março de 1895, ao posto de Major, sendo nesta data nomeado Governador Geral de Moçambique.

Regressa a Lisboa em Novembro de 1897 a fim de conferenciar com o Governo Central, onde sofre diversos contratempos que o levam a pedir a demissão de todos os seus cargos.

(1) — Acompanhavam neste extraordinário feito militar, cerca de quarenta e sete oficiais e soldados, sendo trinta e sete do Regimento de Infantaria 2, regimento de Infantaria de Abrantes, que pela sua valorosa actuação foram condecorados com o oficialato da Ordem da Torre e Espada e com a medalha de Serviços Distintos no Ultramar, com a legenda especial: «... Feito heróico de Chaimite — Prisão de Gungunhana — 1895».

Este valoroso militar, depois dos seus triunfos para pacificar a Província de Moçambique, tinha sido recebido em Lisboa em apoteose e entusiasmo. A intriga mesquinha, que ruia a unidade da Pátria, movida por interesses provenientes de alfurjas secretas, manejadas por agentes externos, procurava tolhê-lo, cercá-lo, diminuí-lo, para o reduzir a simples serventuário das suas ambições.

O heróico comandante de Chaimite, em 7 de Janeiro põe permo à vida, dentro de um trem, a caminho de Benfica, ficando para sempre ignorados os motivos deste seu acto de desespero.

Gente sem escrúpulos, os políticos que lutavam por todos os meios para obter a chefia do Governo da Nação, imolavam assim os principais defensores da nacionalidade, para cumprir secretas obediências com os inimigos da Pátria.

Morre vítima de um ignóbil atentado o Rei D. Carlos I, e o seu filho o Príncipe Real, sendo considerados os seus assassinos, membros de seitas internacionais, em defesa da liberdade dos portugueses.

A intriga política, acção desmoralizadora, movida por interesses vis, levara um grande militar, patriota destemido, a procurar no suicídio o terminar da sua gloriosa carreira.

Relembrando uma das muitas afirmações de Mouzinho de Albuquerque, a quando dos funerais dos bravos soldados de Coolela, diremos:

Chega-se a ter inveja dos que morreram...



Chegada a Lisboa de Mouzinho de Albuquerque

Bibliografia:

João Ameal........... **História de Portugal** Porto 1941

Dicionário de História. Enciclopédia Histórica.

Prof. Lopes de Almeida. **Domínio Português em África**

António Enes......... **A Guerra de África**

Eduardo Noronha...... **O Heroe de Chaimite** Porto 1906

Prof. Marcelo Caetano. **As Campanhas de Moçambique em 1895** Lisboa 1947

L. Ferreira Martins..... **Mouzinho** Lisboa 1938

General Almeida de Eça. **Ecos do Centenário de Mouzinho** Lisboa 1958

Livro do Centenário de Mouzinho de Albuquerque 1855/1955 Lisboa 1956

NOTA:

A título de mera informação, damos de seguida, uma nota genealógica da ascendência do grande militar, que foi Joaquim Mouzinho de Albuquerque.

O trabalho que juntamos, foi obra de um grande genealogista: Manuel Rosado Camões e Vasconcelos.

Seria, para mim, pesado encargo, deixar inédito entre os meus velhos papéis, que as misérias de momento ainda deixam restar, o valioso trabalho deste querido Amigo e companheiro que a morte levou.

Homens simples, modestos e de mentalidade pura e sã, como Manuel Rosado, nunca deveria desaparecer da vida comum, ainda que os seus trabalhos atestem sempre a sua presença.

(Segue-se a carta genealógica de Joaquim Mouzinho de Albuquerque)

Lisboa, Junho de 1978
Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira



ESQVEMA DE PARENTESCO E CONSANGVINIDADE ENTRE DOIS GRANDES POTVGVESES +

João Rodrigues Mousinho - a pessoa mais antiga q. conhecemos desta Familia - foi senhor da herdade de Porto de Rei no termo de Alcacer.

Rodrigo Anes Mousinho sucedeu a seu pai na dita herd.e e casou com D.

João Rodrigues Mousinho q. casou com dona Filipa de Vasconcelos +

Rodrigo Anes Mousinho sucessor deste ramo casou com dona Maria de Melo filha de D. Garcia de Melo, alcaide mor de Serpa +

João Rodrigues Mousinho morou em Setubal, fidalgo em 1535, ignõmos com quem casou, mas foi sua filha:

Dona Brites Mousinho de Melo casou com seu primo em 3.º e 5.º grau Gaspar Rodrigues Mousinho filho de Diogo Rodrigues Mousinho e neto de Diogo Rodrigues Mousinho alcaide mor de Castelo de Vide

D. Catarina Mousinho e Melo que casou em Castelo de Vide com Gonçalo Fernandes de Caceres senhor de Pena e Meadas.

João Mousinho de Melo e Caceres que veio de Castelo de Vide casar a Cêja com D. Isabel de Albuquerque da Cunha Coelho, herdeira, filha de Cristovão de Albuquerque Coelho cujo inventario correu em 1620, e dona Maria Pegado.

João Mousinho de Melo natural de Cêja viveu em Arganil casado com D. Maria Borges, natural de Folques, filha de Constantino Borges de Figueiredo e de dona Maria Garcia da Costa.

D. Quiteria de Albuquerque e Melo casou com Manuel da Fonseca e Gouvêa, gente nobre como toda a anterior, assim o afirmam todas as testemunhas.

Cristovão de Moura de Albuquerque e Gouvêa, vigario, natural de Cêja, baptizado a 27-V-1663 (fls. 155 do livro de registo) teve de Maria Rodrigues. = Ele foi morador em Castelões e morreu em Loriga =.

D. Maria Rodrigues de Moura e Albuquerque, mulher de Placido de Faria e Abreu pessoas principais e de sangue limpo que viviam na sua quinta de Falorca, em Castelões.

D. Francisca Micaela de Abreu natural de Castelões casou nesta freguesia, concelho de Tondela, a 24-XI-1725 com o Capitão João de Salazar e Abreu nascido em Santa Comba em 1728.

Placido de Faria e Abreu foi senhor da quinta da Falorca e casou em St.ª Comba Dão a 21-V-1797 com sua prima D. Joaquina Maria do Espirito Santo.

José de Abreu Salazar nasceu em St.ª Comba a 14-III-1807 e casou na mesma vila a 13-I-1841 com Felicidade Violante da Trindade.

D. Maria do Resgate que nasceu em 1845 mulher de seu primo em 5.º grau Antonio de Oliveira, recebidos em 4-V-1884, pais do maior Português:

Doutor Antonio de Oliveira Salazar

dona Isabel Mousinho de Melo mulher de Simão Fernandes Cabral.

Dona Caterina Mousinho de Melo mulher de Pedro Fernandes Barba.

D. Isabel Mousinho Barba mulher de Manuel Gil Carrilho de Albuquerque.

Pedro Mousinho Barba c.c. Isabel da Silveira.

Lourenço Mousinho Barba nasceu em 1630 e casou com dona Mariana Nogueira.

Antonio Mousinho de Albuquerque casou em 1693 com D. Maria Micaela Caldeira de Mesquita.

Pedro Mousinho de Albuquerque casou com D. Margarida de Almeida Amaral.

Des.or João Pedro Mousinho de Albuquerque casou em Leiria com Dona Luiza da Silva Guterres.

Luis da Silva Mousinho de Albuquerque casou com sua prima dona Ana Mascarenhas de Atayde.

José Diogo Mascarenhas Mousinho de Albuquerque casou com sua prima dona Maria Emilia Pereira da Silva.

Major Joaquim Mousinho d'Albuq.que

Ascendência genealógica de Mouzinho de Albuquerque

O Contágio de Khomeini



Texto extraído da revista «Newsweek»

Em Tripoli, Líbia, 2000 manifestantes entoando cânticos em favor do Ayatollah Ruhollah Khomeini avançam para a Embaixada Americana que era guardada por um único polícia líbio. Os doze funcionários americanos no interior conseguem fugir por uma porta nas traseiras momentos antes da multidão saquear e incendiar o edifício — o terceiro símbolo do «imperialismo» americano, destruído no curto espaço de um mês.

Caixotes de ferragens militares sofisticadas foram ensarilhadas de novo nas docas do Iémen do Norte. Nove meses antes, os E.U.A. haviam desembarcado tanques e aviões de caça a jacto na pequena nação do Mar Vermelho num esforço para «traçar uma linha» contra os avanços soviéticos na Península Arábica. Desta vez os estrategas de Washington ficaram desanimados por descobrir que a ajuda militar que havia propiciado uma nova acalmia no Iémen do Norte havia sido permitida, por cortesia, pelo Kremlin.

Depois de aprisionarem os últimos terroristas que haviam invadido a Grande Mesquita de Meca, os governantes da Arábia Saudita decretaram a aplicação da Justiça Islâmica — onde se inclui a decapitação — e apertaram as medidas de segurança em torno do seu desértico reino. Mas ainda enquanto eles reassumiram o controlo da situação, alusões indirectas vinham a público no sentido de que o cerco de Meca era a ponta de lança dum golpe de estado que, perigosamente, ia sendo bem sucedido.

Repentinamente, uma onda de turbulência política assolou o Mundo islâmico, afrontando as posições e o prestígio dos E.U.A. numa área que fornece cerca de metade do petróleo dos aliados Ocidentais e do Japão. A União Soviética tem vindo a reforçar vigorosamente a sua influência na área — particularmente no Corno de Àfrica, nos Iémenes e no Afeganistão — mas a perturbação mais imediata dos interesses americanos foi inspirada pelo Irão revolucionário, e pelo seu patriarca Khomeini, que desferiu o fervor religioso contra a «satânica América» e o mundo Ocidental em geral. «Nalgumas posições, Khomeini é muito semelhante a Mao Tsé-Tung», disse um diplomata Ocidental em Teerão. «Ele é o homem que lança as ideias, e um outro povo transforma as suas palavras em acções».



O Contágio de Khomeini difundiu-se através das terras do Golfo Pérsico por meio de «cassettes» com discursos inflamados, panfletos revolucionários e programas radiofónicos fanáticos de origem iraniana que circularam entre os membros fiéis da seita Shiita muçulmana de *Ayatollah*. Nos campos orientais de petróleo da Arábia Saudita, pelo menos uma demonstração Shiita redundou em violência. No Barhein, a maioria Shiita desafiou abertamente os Sheiks governantes. No Kuweit, uma onda de prisões abateu-se sobre o clero Shiita. A importância atingiu o centro cosmopolita do Rubai e mesmo a isolada, segura e conscienciosa nação de Omã, situada na estratégica abertura do Golfo.

DIFERENÇAS — Os conselheiros políticos dos E.U.A. acreditam que podem conter dentro de limites razoáveis a actividade febril do *Ayatollah*. A própria nação de Komeini está demonstrando sinais evidentes de divisões. O Irão tem igualmente tradições culturais diferentes dos seus vizinhos árabes, e os Shiitas que são maioritários no Irão não o são em muitos outros países do Mundo Mulçumano. Apesar disso, os acontecimentos no Irão podem complicar o processo de paz no Médio Oriente, criar um perigoso vácuo de poder no Golfo e tornar a vida difícil aos mais poderosos países amigos dos E.U.A. na região.

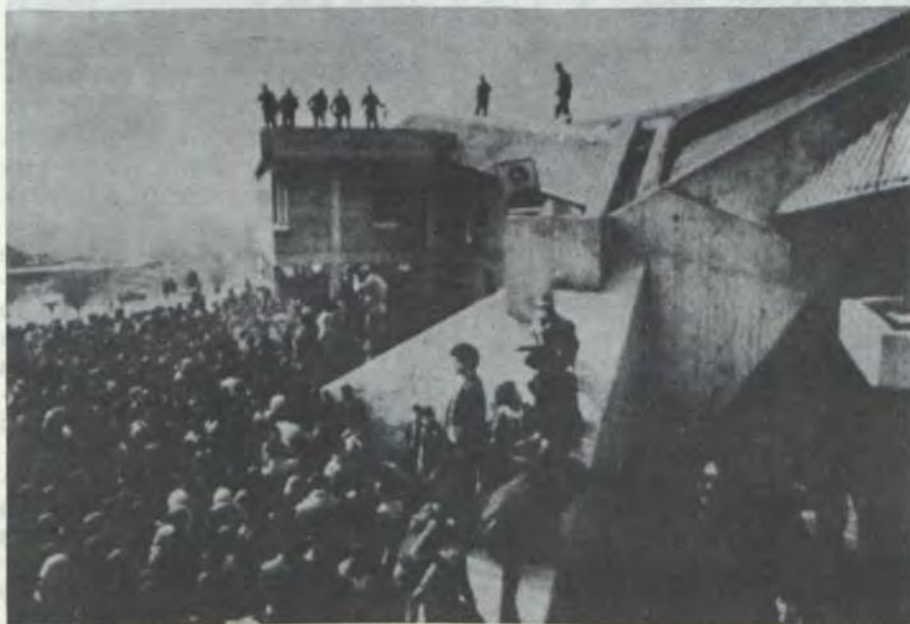
O papel desempenhado pelas paixões, exarcebadas por Khomeini, no assalto à Grande Mesquita de Meca é algo que nunca virá a ser totalmente conhecido. A Arábia Saudita anunciou que havia conseguido controlar a situação no mais sagrado santuário do Islão, depois de duas semanas de duras lutas. Os Sauditas clamavam que o cerco havia sido obra de fanáticos religiosos. Mas fontes diplomáticas europeias garantiram que o incidente era aparentemente parte de um plano organizado e dilatado para derrubar, ou pelo menos desestabilizar o Governo Saudita.

De acordo com esta versão — aceite com desconfiança pelo Departamento de Estado dos E.U.A. — o golpe quase ia sendo bem sucedido. O ataque a Meca desenrolou-se enquanto dois dos principais «leaders» da Arábia Saudita, o príncipe Fahd e o Chefe da Guarda Nacional, príncipe Abdullah, se encontravam fora do País em negócios. O rei Khalid havia planeado ir orar à Grande Mesquita no dia do ataque, mas aparentemente desistiu no último minuto por causa de questões menores. Consequentemente, nenhum dos três «leaders» estava à mão quando os terroristas ocuparam a Mesquita e, simultaneamente, ensaiaram um assalto à cidade de Medina.

Depois dos acontecimentos soube-se que alguns dos invasores estavam armados com espingardas de assalto soviéticas, obtidas por contrabando na fronteira, enquanto outros transportavam armas automáticas de último modelo, de fabrico americano, que aparentemente haviam sido obtidas junto da Guarda Nacional Saudita. O repórter de «Newsweek» Amand de Brochgrave referiu que alguns dos envolvidos haviam recebido treino militar de grupos marxistas clandestinos no Iémen do Norte. O ataque foi reinvindicado por duas organizações desconhecidas — a União dos Povos da Península Arábica e o Movimento Revolucionário Muçulmano na Península Arábica. Mas muitos rebeldes pertenciam à tribo beduína dos Oteiba, que tradicionalmente compõe a maior parte da Guarda Nacional. Há notícias não confirmadas de que, durante o contra-ataque governamental na Mesquita, muitos elementos da Guarda ou se juntaram aos revoltosos ou se recusaram a disparar, forçando os generais sauditas a solicitar a intervenção de unidades do exército para expulsar os ocupantes.

PAIXÕES — Para tornar as coisas piores, havia persistentes notícias de convulsões entre os 300 000 Shiitas que habitam na província mais oriental e petrolífera da Arábia Saudita — em especial nas cidades costeiras de Qatif e Seihat. Viajantes da zona diziam que os acompanhantes de um funeral em Qatif, haviam agitado paixões políticas distribuindo panfletos com alguns dos discursos mais inflamados do Khomeini. Quando a polícia saudita tentou dispersar a procissão, algumas centenas de manifestantes começaram a atirar pedras e a partir janelas. No fim do dia, cinco pessoas eram dadas como mortas. Fontes do Exército Saudita recusaram-se a admitir que tivesse havido alguma revolta, mas as notícias eram demasiado seguras para serem desmentidas. «Toda a gente estava convencida de que a Arábia Saudita era uma fortaleza de estabilidade» disse um diplomata Ocidental. «O tumulto fora dominado num dia, mas era um episódio de muito nau gosto».

A questão Khomeini foi também visível nos cânticos entoados pela multidão que saqueou a Embaixada americana na Líbia. Aprendendo as



PUBLICIDADE



Artigos para Indústria:

- Estofos para automóveis
- Molas Ind.

Artigos Domésticos

- Colchões-Molas
- Colchões-Espuma
- Almofadas
- Travesseiras
- Sofás e Divãs

Indústrias Molaflex, SARL

Apartado 61 - S. João da Madeira
— PORTUGAL —

lições das ocupações anteriores das embaixadas de Teerão e Islamabad, no Paquistão, os funcionários diplomáticos da embáixada rapidamente conseguiram escapar. (A Líbia não tem permitido a presença de navios da Marinha dos E.U.A nas costas de Tripoli desde 1973). O Departamento de Estado norte-americano protestou junto do regime radical islâmico de Muanmar Kaddafi pela falta de segurança fornecida pela Líbia à sua embaixada, e exigiu do governo líbio o pagamento de indemnizações pelos estragos provocados. O Departamento anunciou igualmente que a embaixada suspenderia as «operações normais» com um regime que fornece cerca de 11% das importações de petróleo dos E.U.A. Entretanto, a Líbia concordou em pagar os danos provocados.



OPORTUNIDADE — É difícil apreender o impacto global do apelo ao mundo Islâmico lançado por Khomeini no sentido da revolução e do fundamentalismo religioso. Alguns oficiais americanos receiam que possa desestabilizar a área em benefício último da União Soviética, apesar de Khomeini parecer desprezar com igual intensidade os soviéticos e o Ocidente. O Irão reduziu drasticamente os fornecimentos de gás natural à U.R.S.S. e denunciou o apertado controlo exercido pelo governo soviético sobre 30 milhões de mulçumanos soviéticos. Contudo, o caos no Irão dá uma oportunidade a Moscovo. «Os Russos são obrigados a conduzir a sua acção na área com muitos cuidados», disse um diplomata árabe em Moscovo, «mas a questão essencial é que uma extensa situação de crise como esta faz objectivamente o jogo dos interesses soviéticos na área, pois provoca uma erosão nas posições americanas no mundo Islâmico». Os soviéticos há muito prosseguem uma tendência de superioridade estratégica à volta do Golfo Pérsico. Oficiais dos E.U.A. estimam em 4000 o pessoal militar soviético no Afeganistão, ao que se deve juntar cerc de 1500 civis. No Iémene do Norte, os soviéticos reforçaram as ajudas militares, situação que a Administração Carter julgava ultrapassada na última Primavera, quando os E.U.A. enviaram cerca de 400 milhões de dólares em armamento para ajudar o Iémene do Norte a derrotar uma invasão do Iémene do Sul Marxista. A remessa de cerca de uma dúzia e meia de aviões de caça «Mig-21», lançou a hipótese duma reunificação dos dois Iémenes sob a batuta soviética, no flanco Sul da Arábia Saudita. No entender de alguns especialistas da Administraçaõ Carter, contudo, o Iémen do Norte aceitou o armamento soviético para demonstrar independência face à Arábia Saudita e para competir, e não juntar-se, com o seu vizinho do Sul. As repercussões da campanha de Khomeini podem, inclusivé, expandir-se para além do Golfo Pérsico e perturbar o processo dé paz numa zona tão sensível como a do Médio Oriente. Muitas das forças palestinianas, algumas das quais apoiaram «a acção retaliatória do Irão», podem-se tornar mais relutantes em se sentarem à mesa de conversações com os E.U.A. o melhor amigo árabe da Administração — O Egipto — pode ficar ainda mais isolado de outros governos árabes, que, pela sua militância Islâmica, terão tendência a acentuar as suas distâncias face ao governo dos E.U.A.

NOVA ALIANÇA — A crescente fermentação pode exigir uma estratégia de contenção. Alguns políticos ocidentais julgam que uma nova aliança política devia ser posta em marcha; especialmente franceses estão preparando um plano com vista a agrupar numa associação a conservadora Arábia Saudita, os pequenos emiratos árabes do Golfo e o mais radical Iraque. Tal combinação poria cobro ao aventureirismo iraniano e empurraria o Iraque — um tradicional competidor do Irão — para o campo das nações árabes... para o campo das nações árabes moderadas. A pior estratégia, muitos especialistas árabes são concordes neste ponto, seria uma motivação militar americana contra o Irão. «Aqueles que se atreverem a atacar o povo Islâmico do Irão, devem saber que tal será considerado como um ataque contra todos os Estados Islâmicos» avisou uma conferência de estudantes islâmicos em Qatar. Um diplomata ocidental no Kuweit concordou: «seria um acto suicida. Poderia incendiar toda a região».



Alguns observadores pensam que Khomeini não será capaz de transplantar o seu movimento para fora do Irão. «Não acreditamos numa onda de anti-americanismo através do Mundo Àrabe», disse um especialista americano em questões do Médio Oriente. A Administração está esperançada na própria autodestruição de *Ayatollah*. Entretanto, a força da sua pregação acarreta sérios riscos para as ligações ocidentais com as forças ricas em petróleo do mundo Muçulmano.

Mensagem dos Comandos

RESSURREIÇÃO

Outros haverão de continuar
o que soubemos iniciar.
Outros poderão tentar
o que, no nosso encontrar,
foi achado ou não achado
segundo o destino dado.

DELTA

Com dois dons — a calma e a agressividade
combati. Com o mesmo gesto conduzi
a guerra e compreendi minha Unidade;
com humanismo sempre os vi.

Com equillbrio encarei minha missão,
puz devoção e entusiasmo em tudo,
pois entreguei-me em esforço e devoção:
trabalhador, desinteressado e mudo.

Fosse humildade, amor ou ideal,
o humanismo é que me conduziu;
a alma foi «Comando» e o fim foi Portugal
da luz que em mim surgiu.

OS HELIS

Senhor, o Heli veio e é muito o pó.
É um amigo que o vem a.conduzir.
A malta fica preta, mete dó,
dentro em pouco outro grupo vai sair.

O grupo que na intervenção ficou,
prepara-se, ainda a noite não é finda,
para substituir o outro que chegou;
a mão do vento vai erguê-lo ainda.

Dá a aragem nas pás e cheios de ânsia
lá subimos no espaço, devagar;
depois em bicha galgam a distância
para a mata o grupo então lançar.

AFONSO HENRIQUES (Falcão)

Onde quer que tu estejas, bom amigo,
eternamente sente-te lembrado,
pois os Comandos todos são contigo,
vivo ou morto a teu lado.

Vem irmão, ajudar-nos ainda
pois tu nos deste essa suprema prova
de que na própria Morte a Vida não finda
se a Alma é grande e noutros se renova.

Mestre da Paz, corajoso na guerra,
que tudo deste, até a vida, quando
morreste a combater, mas deixando na terra
a «IMAGEM dum COMANDO».

(adaptação da Mensagem
de Fernando Pessoa)

por

Roberto Durão

ARTES ORIENTAIS



Saber enfrentar o perigo, principalmente na guerrilha é um tipo de situação que se conjuga com a mentalidade do estudante de Artes Orientais (Karaté, Kung-fu, Taekwondo, etc.)

Em todas estas escolas, pés e mãos transformam-se em armas terríveis, capazes de substituir os punhais e espadas. As pontas dos dedos tornam-se tão perigosas como um punhal. Os cotovelos e os joelhos adquirem a potência de matracas e de maços de ferro. Os braços a solidez de sabres. Os pés a potência de martelos e as pernas a pressão de forte alicate. Numa palavra, todos os membros são utilizáveis como armas de ataque ou defesa, com absoluta e rápida eficiência. Os golpes são sistematizados à velocidade máxima.

Foi no princípio do século XX, que o estudo do Karaté começou a ser divulgado na Europa e na América do Norte por mestres japoneses, já com carácter oficial e aberto. O método ou estilo mais utilizado na Europa é o «SHOTOKAN» que codifica as actuais formas de Karaté no Japão, onde atingiu o apogeu antes da II Guerra Mundial.

Quem conhece a história deste tremendo conflito, principalmente na Àsia, sabe certamente, que milhares de instrutores de Karaté tombaram ou encontraram a morte com o seu espírito indomável. Dezenas foram os famosos «KAMIKAZES» que enfrentaram serenamente e com prazer a morte, contra os navios de guerra norte-americanos. Recorda, também, certamente, a superioridade tremenda da guerrilha japonesa nas ilhas ocupadas.

No Karaté ou no Kung-Fu «tudo é permitido», desde que seja eficaz sob o ponto de vista do homem lutar com os meios que a natureza o dotou para conservar a vida. E por isso que se executam golpes com os punhos, mãos, pés, cotovelos, joelhos, cabeça, etc., etc. A sensação atraente destas artes de combate é, portanto, dominar todas as técnicas eficazmente. Aparentemente poucas pessoas têm a noção de que o espírito, como o corpo, se suja e enfraquece. Há necessidade de limpá-lo e exercitá-lo. Ora, na verdade é o espírito que comanda o corpo. Para controlar o corpo temos que movernos através do espírito, mesmo quando lutamos.

Deste modo, as técnicas estão em conformidade com as leis da natureza e se lhes obedecermos, somos parte integrante delas. **Quem nos ataca, ataca a própria natureza e ninguém pode vender essas leis**.

Há princípios fundamentais a ter em linha de conta por quem se proponha encetar a prática desta arte: energia, dinâmica, descontracção, respiração, explosão e concentração. Para além destes princípios de origem física, existem também os de origem moral e social. Nos primeiros — moral — o estudante é responsável pelos seus actos. Nos

segundos — social — o sacrifício, a sinceridade em cada treino ou combate, conduzem, mesmo fora do aspecto mental, à purificação das intenções do indivíduo, dando-lhe a medida exacta do seu valor em relação a si mesmo e em relação aos outros, factores que o elevam neste campo.

Entre as mais variadas actividades desportivas criadas por outros povos, estas verdadeiras artes orientais, como fins genéricos, com técnica, espírito filosófico, parecem na verdade moldadas às próprias características do Povo Português.

Nós — sem querer fazer a minha própria apologia — temos extraordinário espírito de sacrifício, força interior, fácil adaptação e até vocação nata para o combate, predicados que se ajustam ao espírito e mentalidade do praticante de karaté ou do Kung-FU.

Apenas seis meses de treino sério, sob a orientação de um bom professor, podem já dar resultados brilhantes. No entanto, isto, pode ser perigoso quando os iniciados, entusiasmados pelos progressos adquiridos, resolvam utilizar desmedidamente os seus novos conhecimentos o que poderá redundar em graves prejuízos físicos a outrém.

O Karaté é antes de tudo uma técnica de defesa em qualquer circunstância, pois o seu ataque ou contra-ataque é 100% mortal se se pretender essa objectividade. Pode afirmar-se que no momento actual, as técnicas mais utilizadas para a defesa pessoal são:

- KUNG-FU (boxe chinês)
- FULL-CONTACT (Karaté de contacto)
- TAEKWONDO (Karaté usado pelo Exército coreano)

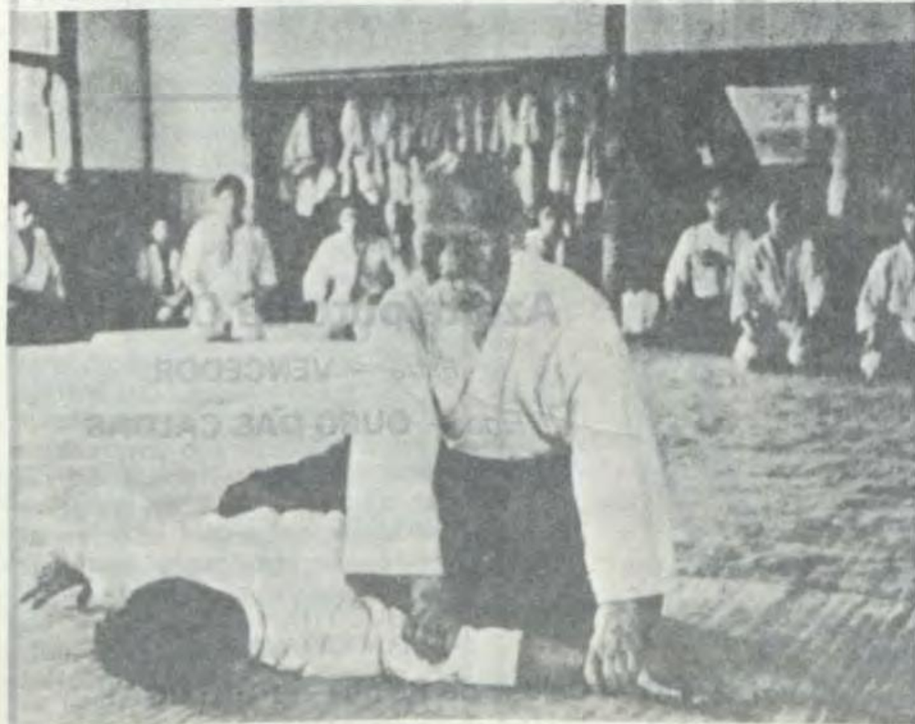
Estas técinas são efectivamente as mais eficazes e um SHO-DAN (cinto negro) não tem grande medo a recear. Se for atacado por um homem forte, ele poderá facilmente evitar todo o perigo. Um pequeno estudante de Karaté, rápido e preciso, é infinitamente mais perigoso e irredutível que um homem grande e forte.

Um grande mestre desta arte definiu-a do seguinte modo:

«Arte magnífica, desporto viril, defesa total incontestada, domínio do corpo e do espírito para o enriquecimento da personalidade».

Contràriamente ao que muitas pessoas pensam àcerca destas artes, elas não desenvolvem agressividade, mas sim o bom senso, o equilíbrio e, sobretudo, o respeito pelos outros. Desta forma, podem representar para os seus estudantes, mais do que um mero desporto de combate, uma técnica de defesa pessoal — o seu grande trunfo — um método superior aos demais, uma prática salutar para a saúde.

As Artes Orientais atraem o estudante pela magia e multiplicidade dos seus gestos. Absorve o indivíduo na sua totalidade. É, por assim dizer um


Mestre japonês fazendo uma demonstração de uma «chave» de Aikidô


Os adeptos do Kendô (esgrima com espada de madeira) utilizavam este tipo de máscara que evocam as dos samurais da Idade Média

«combate de vida ou de morte», apesar de não poder matar o adversário em competição, pelo menos deliberadamente.

Na modalidade, diz-se que o verdadeiro praticante não é o que ataca, mas sim o que se defende. Este é o princípio do Karaté como desporto.

O saber enfrentar o perigo (na guerra, por exemplo e, muito especialmente, na guerrilha) é um tipo de situação que se conjuga com a mentalidade adquirida pelo praticante.

Não é em vão que alguns países, as Forças Militares e Para-Militares, incluem o Karaté ou qualquer outra arte deste género, nas suas disciplinas de instrução, mormente quando essas forças se tratem de unidades especiais. A sua função é importante, porque para além do alto grau físico que proporcionam, têm a aliá-las profundo enriquecimento mental.

A origem e a história destas Artes Orientais é muito imprecisa. Não existe data ou época que se possa definir com precisão. Sabe-se, todavia, que são milenárias, estreitamente ligadas às primeiras formas como método de combate e, ao mesmo tempo, de exercício em que o corpo e o espírito participam com uma noção de indivisibilidade.

Volvendo séculos e séculos atrás, dizem-nos certos manuscritos que um príncipe, vivendo algures nos confins da Ásia, passava o tempo a observar combates de animais, analisando atentamente os seus movimentos, classificando-os, para os

Bambolim
DECORAÇÕES, LDA.
Fabrico Próprio
ESTOFOS-CORTINADOS-MÓVEIS-ALCATIFAS
(Desconto aos sócios da Associação com cartão)
Av. Defensores de Chaves, 65 - A • LISBOA
— TELEF. 77 63 81 —



Samurai com traje de combate, dos tempos antigos, e o «Hachimaki», ou «faixa de resolução», cingindo-lhe a fronte



O Vice-Almirante Onishi saudou pessoalmente a primeira esquadrilha «Kamikaze» das Filipinas

transpôr adaptando-os a um certo número de técnicas de combate, a serem utilizads pelo homem.

Na China, o Kung-Fu é conhecido há cerca de 5000 anos, onde era praticado com um sentido mais do tipo ginástico. No entanto, a grande fonte de inspiração, foi sem dúvida, a observação atenta de «ataque e defesa», na luta entre animais ferozes. Das muitas lendas conhecidas, conta-se que existiu um guerreiro japonês — já em épocas recentes — que para diversão do seu príncipe, enfrentava de mãos vazias um animal feroz, aniquilando-o a golpes de Karaté, a ponto de lhe esmagar o crânio.

Já nos nossos dias, mais precisamente em 1953, o Mestre Oyama, famoso karateca, codificador do «Kiokushinkai» (escola ou estilo), perante público numeroso, enfrentou um touro bravo com o peso de 600 kg., abatendo-o com um golpe no crânio, depois de lhe ter quebrado as hastes. Toda esta cena foi filmada, como testemunho da autenticidade do facto.

Voltando ainda às origens desta arte, está definitivamente estabelecido ter sido a China quem mais avançou na sua técnica, procurando sobretudo, a maior velocidade possível na execução dos golpes.



Sobremaneira, reservada aos nobres, desenvolveu-se como desporto popular cerca de 200 anos a.C. A espantosa imaginação criadora dos chineses deu lugar a métodos de combate sucessivamente aperfeiçoados e poderosos.

A Ilha de Okinawa, que ficou na história dos nossos dias, pelos combates ali travados entre japoneses e americanos durante a II Guerra Mundial, foi, também, em épocas remotas, ponto de contacto entre a cultura chinesa e a japonesa, tendo sido conquistada sucessivamente por imperadores dos dois países. Este facto e a interpenetração das duas culturas permite o nascimento do Karaté, sob a forma como hoje o conhecemos na Europa, embora dividido em várias escolas ou estilos fundamentais.

Ass: Henrique Guerreiro Pinho

PUBLICIDADE

FORNECEDORA AZEITES, LDA



Azeite puro de Oliveira

Extra — **VENCEDOR**

Fino — **OURO DAS CALDAS**

Telef. 224 81 — Caldas da Rainha — PORTUGAL

Carta de um Amigo

De Jaime S. Brito Rebelo

Ao começar a escrever reparo em mim próprio uma ideia fixa, uma ideia base: as virtudes dos Comandos nos seus aspectos físicos, morais e psicológicos.

Vem-me à ideia também que a principal virtude é ter personalidade para manter intactas as virtudes, é ter resistência psíquica para nos mantermos nós mesmos-embora em plena dinâmica-perante todas as solicitações negativas de uma Vida Portuguesa que, ao copiar modelos ou vícios de vida estrangeiros, vão perverter as almas mais fracas e em geral inquietar ou traumatizar as mais fortes. É ter coragem de não esquecer a estrutura básica da ALMA LUSITANA, que podemos estudar através da nossa autêntica história, quando pretendemos esquematizar e executar um caminho válido e NACIONAL para o futuro.

Outra das principais virtudes, será encarar as que podemos ter ainda, actualmente e no futuro, mas todas elas alicerçadas em harmoniosa sequência nas virtudes do Passado, que transbordam na corajosa resistência Lusitana de duzentos anos contra a invasão romana, no estoicismo físico e psicológico dos Descobrimentos, no volte-face da restauração da Independência Nacional no primeiro de Dezembro de 1640 após sessenta de ingerência espanhola, nas campanhas africanas de pacificação em que a VOCAÇÃO PORTUGUESA lutou pela sua VOCAÇÃO AFRICANA, ramo da mesma árvore, etc.

E falar nas virtudes portuguesas e no apego às suas origens físicas e psíquicas é, para mim, falar nos Comandos de Portugal. Nessa série de homens, que hoje ainda são Comandos ou da Família dos Comandos, por já o terem sido.

Falar nos Comandos é fazer-me lembrar, comparativamente, da resistência natural de uma minoria de pessoas que sobrevive intacta a uma Peste ou epidemia que mata ou perverte física, fisiológica e moralmente milhões de homens de um Povo.

Tal como a Peste, o vício e a degradação tentam actualmente milhões de seres de um Portugal, que, por serem fracos, se deixam vencer sem resistência por manipulações, por cima ainda baseadas em ideologias que não cabem na estrutura temperamental do bom do Português. Nas suas características humanas.

É aqui que admiro os actuais e ex-comandos: são como que um punhado de homens que, resistindo pela sua alma sã a todas as tentativas de depauperamento moral, aguentam,



como base, como alicerce, as ancestrais características positivas de todo um Povo, como se fossem o COFRE SAGRADO das qualidades úteis da RAÇA PORTUGUESA. Capazes de construir um País Europeu e de alicerçar, com o seu sonho e sacrifício, um Império físico e moral, que muitos desejaram ver desaparecer.

Ser Comando, para mim é ser especial, muito especial. É ter resistência quase sobre-humana e qualidades físicas, nervosas, morais de base e sociais, que hoje parecem faltar à maioria dos humanos. Por isso os admiro e respeito. Por isso, todos nós — os outros — devemos respeitá-los porque eles, no seu carácter, representam o que fez e justificou a NACIONALIDADE PORTUGUESA, toda a GENICA LUSITANA. Eles representam um **Portugal de Base** que não morreu nem pode morrer.

Nós, os outros, que não tendo a resistência e capacidade física dos Comandos, mas tendo, apesar de tudo, algumas qualidades morais e psíquicas nos campos individual, familiar, social e Português, devíamos ensaiar decididamente a colagem franca, leal e sem intenções que não fossem o agradecimento e a homenagem natural aos comandos e sua Família.

E assim poderia nascer aliás, deverá nascer e medrar, sem sombras malignas, a **ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DOS COMANDOS**, cujos elementos deverão ser escolhidos criteriosamente e sem leviandade pelos próprios sócios da Família Comandos. Criteriosamente porque só interessam os que se identificam com o «Espírito comando».

A cada um dos sócios da «Família Comando» caberia seleccionar apenas meia dúzia de seres humanos dignos desse nome e verdadeiramente dignos de ser considerados «Amigos dos Comandos».

Milhares de Comandos e ex-Comandos seleccionando apenas meia dúzia de verdadeiros homens, conseguiriam reunir algumas largas dezenas de milhares de cidadãos com o mesmo Ideal, dirigidos para um mesmo caminho.

Haveria dezenas de milhares de seres humanos irmanados pelos mesmos ideais de virtudes de Lusitanismo e de Independência, de Honestidade e decência.

· O que corresponderia a outros tantos milhares de famílias Portuguesas, que fariam um significativo parentesco de algumas centenas de milhares de pessoas ainda válidas e biopsiquicamente resistentes, apesar de possivelmente traumatizadas.

Porém, cuidado amigo Comando! Não tenhas a preocupação competitiva de arranjar muitos «Amigos da Família dos Comandos». Selecciona poucos, mas dos bons, dos autênticos, daqueles que «antes quebrar que torcer». Dos que não arredam pé dos bons e verdadeiros princípios do nosso típico carácter Português.

Não deixes que **macróbios sociais** vão infectar a tua Família dos Comandos, só pela quqse desculpável argumentação de que queres ou pretendes **um grande grupo** lutando pelo teu Ideal e pela nossa Pátria.

Lembra-te que a quantidade só vale quando se mantém a qualidade.

Selecciona sim, mas com cuidado e vagarosamente.

Um Comando deve ser impetuoso quando necessário. Mas cuidadosamente vagaroso se as razões o justificam, que é o caso da selecção de que agora falamos.

E vamos a isto!

A coragem, a decisão e a sorte protegem os AUDAZES!

Os Audazes física e temperamentalmente!

Mas principalmente os cuidadosamente audazes no raciocínio!

Milhares de pessoas corajosas sentem por ti e contigo.

Elas, as pessoas associadas e amigas da «Família Comandos» serão contigo o GRANDE BALUARTE DA NAÇÃO, que tu vais criar ao mentalizares-te após esta homenagem que humildemente faço dentro de uma linha, dentro de uma necessidade humana imensa. Imensa como a Alma Portuguesa!

Em geito de despedida vos digo que sois as Sementes não degeneradas de uma Planta: a PORTUGALIDADE NA SUA ESSÊNCIA.

PUBLICIDADE

SOCIDEL
SOCIEDADE COMERCIAL DE ARTIGOS DE DESPORTO, LDA.

TODOS OS ARTIGOS DESPORTIVOS

47 - RUA NOVA DO ALMADA - 49
1200 LISBOA - TEL. 32 60 46 - 32 77 68

Omóvel • Norte
FABRICANTE DE
MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS
ESTOFOS - CANDEEIROS - ALCATIFAS
José Joaquim Pereira Nunes
Lote 91 - Forte da Casa - 2.ª Fase
2625 PÓVOA DE STA. IRIA

OS DOIS COLOSSOS



O elefante da Índia (elephas indicus), é muito inteligente, dotado de boa memória, muito perigoso quando irritado, este elefante é um hábil e potente trabalhador

Algo está mudando em Àfrica. Todos o sabem, e, infelizmente, para este lugar comum, não teria valido a pena sentar-me à máquina e martelar o teclado! Simplesmente... simplesmente, leitor amigo não me refiro, nem aos homens, nem à política, nem a nada do que pensa.

Desta vez, estou falando de animais, mais propriamente dos dois «blindados» que todos conhecem, uns, das velhas e saudosas «picadas» africanas, outros, mais modernos, simplesmente do Jardim Zoológico, do cinema ou da TV: — Refiro-me ao elefante e ao rinoceronte. E não só, como adiante se verá.

Ali também há uma profunda planetária, que assume, por vezes, as raias do inconsciente. O que muda, por uma forma aterradora, é o equilíbrio milenário da maior reserva de animais selvagens do mundo. — O Este Africano, desde o Baixo Sudão, até Moçambique. Servem de índice um mastodonte super-inteligente (o elefante) e um colosso conhecido pela sua estupidez (o rinoceronte). Enquanto que o primeiro está em expansão explosiva, o último está em vias de extinção. Que mal te faz, dirá o leitor? Veremos...

Os computadores acabam de fornecer, às grandes Universidades, os últimos números: — Só no antigo Tanganica, 7500 elefantes, enquanto que para o mundo inteiro, apenas 18 300 rinocerontes, dos quais haverá 17 500 em toda a Àfrica. Perguntou-se: Porquê um e não o outro? Que há por detrás deste desequilíbrio? Por exemplo, o Tsavo, o maior parque do



Rinoceronte da Índia (Rhinoceros unicornis) é a maior espécie asiática: 1,70 m no GARROTE, comprimento de cerca de 4 m e peso que ultrapassa duas toneladas

mundo, poderia conter, segundo os zoólogos, um máximo de 6500 a 7000 elefantes. Dados recentes mostram que abriga, actualmente, mais do triplo, com tendência para subir. E daí? Dirá o leitor. Daí, que é um flagelo: — A Montanha super-inteligente, expande-se fora das reservas, nas plantações, e, de orelhas fitas, barrindo e espezinhando, tudo destrói. O rinoceronte, pelo contrário, confinado em seus hábitos sedentários, imóvel e idiota, espera, com aparente resignação, que a sua espécie desapareça. Esta, a grande diferença.

O elefante cresce e explode porque ele é o Rei, o «Mek» como dizem os indígenas de fala swahli. Sua excelência goza das mais altas imunidades, divinas e humanas: — Nas estradas, letreiros bem colocados advertem os automobilistas: «Elephants have priority»! Venham da esquerda ou da direita, os carros têm de lhes dar prioridade... Paralelamente, o «Mek» corre, tranquilamente, os



Em África existem duas espécies de rinocerontes: o preto (diceros bicornis l.), e o branco (ceratorhinus simum). Em moçambique o último rinoceronte branco foi abatido em 1916, na região do Maputo

crocodilos dos seus refúgios ribeirinhos; assume inclusivamente, prioridade nas águas, onde o hipopótamo é dono incontestado; finalmente, dá-se ao luxo de correr com 3 rinocerontes de uma só vez, se lhe apetece fazer um pouco de desporto... De qualquer modo, a sua linguagem é sempre a mesma: — Sorna, olímpico e indiferente; Sua Exa. aproxima-se, e espera. Se a ameaça não tiver sido compreendida, desdobra os abanos das orelhas, gentilmente, uma patada ou duas, ao solo. Os hipopótamos, completamente imersos, só com os olhitos de fora, esperam que o outro turve as águas e lhes destrua as ervas de que se alimentam, exclusivamente. Os crocodilos já fugiram há muito, num salve-se quem puder, que é de antologia... o elefante sabe que tudo é dele e não tem que temer, hoje em dia, nada nem ninguém...

É esta adaptabilidade a todos os meios, a todos os regimes alimentares, que aliada à extraordinária resistência fisiológica o torna no verdadeiro rei das florestas, no sentido biológico do termo. Vejamos: Em 1960, no Tsavo Park, morreram numa seca prolongada mais de 300 rinocerontes. Elefantes, nem um, para amostra... Como é que o animal mais exigente do mundo, em água e alimento, pode dispensá-los por cerca de duas semanas e algumas vezes mais? Simplesmente, ninguém sabe, nem os doutores de borla e capêlo das melhores Faculdades do Mundo. Alguns que vão na senda do feiticeiro preto, admitem, mesmo, aquilo a que chamam «rabdomância», isto é, que o elefante tem poderes mágicos, para detectar os fios de água subterrâneos e colhê-los, com a grande trombra, altamente sensíel. Será?

Pelo menos está provado que esta mesma trombra, se não folheia o solo, pode mergulhar no reservatório com a forma de acordeon, que o animal possui, ao nível do estômago. Na realidade, a bolsa estomacal é única, tem cerca de um metro de comprimento e possui uma extremidade dobrável e flexível, onde pode armazenar grandes quantidades de líquido. Em tempo normal, muitos litros de água são regorgitados diariamente, mas, nos tempos de grandes securas, estas reservas jogam, certamente, um papel muito importante na sobrevivência do colosso.

Curiosamente, esta montanha adaptável a tudo, que de nada tem receio, é resistente a todos, excepto... como certas senhoras que nós conhecemos, à presença dos ratos, de que têm um medo verdadeiramente notável e o põem completamente fora de si!

A sua inteligência é lendária e os livros a tal respeito enchem quilómetros das melhores bibliotecas: — Elefantes constroem um dique numa represa, para se regalarem no banho que tanto amam; elefantes ensinam, desde tenra idade, aos filhos, como evitar as fossas-armadilhas dos indígenas; elefantes viajam ao clarão do luar, para evitar os mesmos homens que dormem nas aldeias; elefantes doentes, sabem onde estão as fontes de águas termais que os curam; elefantes, que de trombas enganchadas e defesas paralelas, safam, da fossa, em menos de cinco minutos, o imprudente que lá caíu; elefantes que se organizam em esquadrão blindado, antes de carregar; elefantes que conservam na memória o ódio, a quem os maltratou, e anos e anos depois, são capazes de se vingar: «Assim que o elefante cheira os traços de um homem, antes de o ter visto arrepia-se no receio de qualquer falsidade, pára, e depois de farejar em toda a volta, sopra de cólera. Não destrói os sinais mas passa-os delicadamente ao companheiro de trás, que os passa ao que o precede e assim sucessivamente, até que as novidades chegam até ao fim do rebanho. Então, instantaneamente, toda a tropa faz meia volta e coloca-se em linha de «batalha». Trata-se, evidentemente, de um trabalho de grupo, inato, e até parece, serem, os elefantes dos «Comandos»: — «Só os que organizam conseguem».

Com efeito, os elefantes levam uma complexa vida social, de que ignoramos, praticamente, tudo. Reuniões nocturnas, amores escondidos e comunicações inaudíveis, de rebanho para rebanho. Assim, dois elefantes que se encontram, começam inevitavelmente, por estender as respectivas trombas, pesquisando, por ordem de hierarquia, a glândula temporal do outro. Esta glândula, situada numa pequena cavidade entre o olho e o ouvido, segrega um líquido açucarado que é um autêntico bilhete de identidade: Trata-se de um líquido tão doce que as abelhas vêm, por vezes, recolhê-lo, regaladas...

Concretamente, ninguém sabe os fins, que devem ser multiplos, desta secreção: — Chamada sexual, linguagem telepática ou outras? As últimas observações dos biólogos americanos excluem, praticamente, o apelo sexual. Por paradoxal que pareça, sabemos menos, do elefante ou do rinoceronte, que da pulga ou do piolho...

Mas por hoje fiquemos por aqui.

Dr. Rocheta Cassiano
(médico militar na disponibilidade)



Elefante da Africa (Loxodonta africana), este elefante bebe, diáriamente, entre 100 a 200 litros de água e come entre 50 a 100 quilos de folhas, cascas, ramos, frutos, ervas e raízes

O ARSENAL LÍBIO


Exposição de blindados FERRET armados de mísseis anticarro britânicos VIGILANT

Nos últimos anos, a Líbia tornou-se um dos maiores importadores de material militar, tanto do Ocidente como do Leste Europeu. Após a tomada do poder pelos militares e de um período caracterizado por acções tendentes a influenciar a opinião pública internacional, a Líbia e o seu presidente Kadaffi, estão agora efectuando uma manobra tendente a, com a menor publicidade possível, dotar o país de um verdadeiro arsenal militar.

Apesar da população líbia andar por volta dos 2630 000 habitantes, um facto objectivo é que a entrada de material militar tem-se desenrolado em ondas contínuas.

A corrida aos armamentos da Líbia começou com as trocas comerciais com a Itália, segundo as quais, a Líbia entregava petróleo aos italianos a troco de armas. Os números exactos não são conhecidos, mas pensa-se que cerca de 250 M113A1 e M125A1 foram entregues, via portos de Génova e La Spezia das linhas da Oto Melara. Conjuntamente com estes veículos foram enviados cerca de 40 M109, alguns dos quais, directamente provenientes do parque de artilharia do exército italiano. Na altura em que tal aconteceu, registou-se uma violenta discussão em Itália, sobre a oportunidade de enviar para aquele país africano, armamento nacional e necessário ao equipamento do exército italiano.


Jeep M38 A1 (em primeiro plano) e CJ3 armados de canhões sem recuo de 106 mm

Simultaneamente, a Líbia começou a aperfeiçoar o seu stock com armamento de origem soviética. Estas armas foram entregues pelos soviéticos, em troca da possibilidade de obter bases aéreas e navais em território líbio, e começou com a entrega de pequenas quantidades de tanques T54/55 e canhões BTR-60s e de 122 mm. Ao princípio, o número de veículos utilizados pelo exército líbio pareceu perfeitamente enquadrado, no sentido de renovar o velho material adquirido, quando o Rei Idris estava no poder, e para treino dos novos recrutas, mas esta impressão rapidamente se desvaneceu, quando o número de tanques, no espaço de dois anos, atingia o número de 1000 T54/55 e 200 T62s.

Estas massivas entregas de material, começaram a preocupar os seus vizinhos, sobretudo pelo facto do regime de Kadaffi apoiar, publicamente, os movimentos revolucionários internos desses países.

Juntamente com os veículos blindados, vasta quantidade de armas ligeiras, mísseis antitanques SAGGER e veículos de vários tipos, amontoaram-se no porto de Tripoli. Algumas destas armas foram utilizadas em acções terroristas por movimentos de libertação, em vários pontos do mundo. Contudo, o material soviético não satisfazia totalmente o regime líbio, e é assim

que uma comissão comercial militar líbia visitou vários países da Europa e da América do Sul. 200 EE-9 CASCAVELS foram imediatamente adquiridos ao Brasil e tiveram o seu baptismo de fogo durante os recontros líbio-egípcios.

Um novo pedido de 500 novos veículos foi feito, e está agora na fase de entrega. Uma parte destes veículos, são, contudo, carros de transportes URUTU, o que é lógico, dado que, dos cerca de 1600 tanques e carros armados, o país apenas possui 650 atrelados dos APCs. A missão que visitou a Itália,



Detalhe de um BMP 1. Pode-se observar o canhão de baixa pressão de 73 mm , a metralhadura coaxial PKT de 7,62 mm, e o missil SAGGER. O barretedo chefe do carro é também de fabrico soviético

adquiriu uma série completa de helicópteros e aviões de transporte. Aviões MIRAGE e sistemas de mísseis anti-aéreos CROTALE, foram encomendados à França.

Depois da distanciação da Líbia, face ao Egipto,e da aproximação deste país da órbita ocidental, navios soviéticos começaram a descarregar contínuamente, nos portos líbios, material militar de elevada tecnologia.

A linha de tanques alargou-se pela junção de centenas de T62s e os batalhões de Infantaria mecanizada foram reforçados com o BMP-1, um veículo de combate aplicado à Infantaria.

O sector de artilharia antiaérea conheceu a entrada em serviço das instalações quadruplas ZU-23, conjuntamente com uma verdadeira panóplia de mísseis.

O velho SA2s foi reforçado com o novo SA-6 e o portátil SA-7 STRELA, os quais, conjuntamente com o já mencionado CROTALE e o SA-3s constituem um excelente dissuasor para qualquer tentativa de invasão aérea do espaço líbio. Mas a



Veículo líbio BMP-1 Numeroso volume destes veículos estão sendo entregues às forças armadas líbias



Autoblindado SALADIN fotografado durante um desfile nas ruas de Tripoli. Ainda durante a monarquia havia sido comprada uma centena destes veículos

O ARSENAL LÍBIO

arma mais preocupante entregue à Líbia é o missil SCUD com a capacidade de carregar uma ogiva nuclear.

Contudo, parece que a fome de armamento líbio ainda não está satisfeita, e estão sendo levados a efeito, esforços no sentido de adquirir à França, um número indeterminado de tanques AMX30.

Não há dúvida que existe um completo arsenal na Líbia e que se tem vindo a expandir. Se juntarmos a este facto a verificação de que o número de militares do exército líbio é de 22 000 e que as suas unidades compreendem **apenas** uma brigada blindada, duas brigadas mecanizadas, uma brigada da guarda nacional, uma brigada especial e três batalhões de artilharia. Tal concentração de material não deixa de levantar as mais fortes suspeitas e conjecturas. Uma delas seria a de que tal quantidade de veículos se justificaria pelas condições climatéricas, pelo pó e pelas areias do deserto, que destruiriam muito rapidamente a mecânica dos veículos, em comparação com situações diferentes vividas pelos seus vizinhos. Outros acreditam que a Líbia estar-se-ia reservando o papel de rectaguarda estratégica para os milhares de cubanos, actuando em África, como conselheiros militares ou tropas mercenárias. Mas a hipótese mais terrificante é a daqueles que afirmam que tal material se destina a ser utilizado por outros militares, não líbios, uma guerra de agressão contra os seus vizinhos da fronteira sul. Ressaltando o facto da Líbia ser um dos mais ferozes inimigos de israel, há quem diga que tal material se destinaria a uma 5.ª guerra no Médio Oriente. Permanece contudo, a esperança de que a primeira hipótese seja a correcta.





Um exemplar dos 1000 T 54/55 existentes no exército líbio. O carro aprsenta os pontos de encaixe para o dispositivo antiminas



Missil antiaéreo SA-2 sobre um ZIL 157

ÍNDIA

SUPERABUNDÂNCIA DE CRIANÇAS, VACAS, DOENÇAS E FOME



Banhar-se no Ganjes pode significar a redenção da alma, para o hindu



mulher de Hyderabad (Sul da Índia)



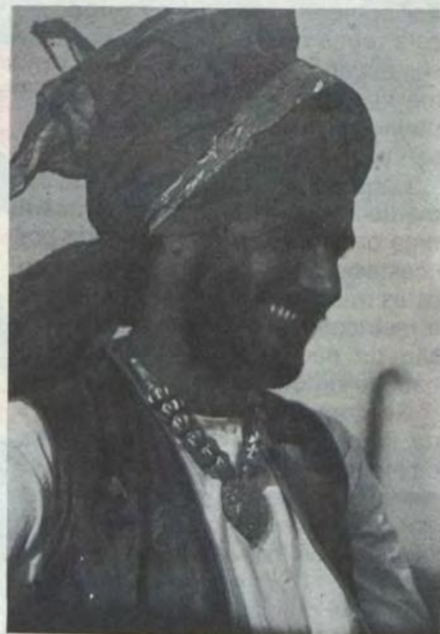
Sacerdote brâmane de Benares

Em 1972 o recenseamento na Índia atingiu a cifra de 563 490 000 habitantes. Como a população sofre um aumento anual de 13 milhões, nesta data devem ser mais de 600 milhões de indianos, o que significa que tem mais 150 milhões de pessoas do que os Estados Unidos e na Russia.

Assim o grande problema da Índia é alimentar os seus numerosos povos, sempre ameaçados por secas e inundações.

845 línguas e dialectos separam este povo que tem duas religiões mundiais e centenas de seitas.

A Índia é um país profundamente religioso. Para todo o lado o turista presencia práticas religiosas, encontra ascetas e vacas sagradas. O número de peregrinos que se aglomeram nas sete cidades sagradas atinge milhões. — Em fantásticas procissões desfilam enormes carros alegóricos e imponentes elefantes ricamente ajaezados.



camponês do Penjabe (região do Indo)



Os órfãos alojam-se onde podem e à falta de melhor estes tubos de canalização tansformaram-se num «bairro»

84 por cento dos indianos professam o hinduísmo; 10,5 por cento islamismo; 2,5 por cento são cristãos; 1,8 por cento são sikhs; 1,6 Por cento são budistas; 0,4 por cento são seguidores do jainismo.

O hinduísmo é uma religião de difícil compreensão para os europeus, esta reúne uma quantidade de deuses encabeçados pela trindade-Brama-Vishnu-Xiva, cuja essência se define pelas palavras — criador-conservador-destruidor.

Contudo o hinduísmo não é somente uma religião, mas também uma ordem social, determinada por «castas». Quanto mais baixa forem estas maior o número de obrigações e restricções. A «casta» mais baixa são os párias, denominados também de «intocáveis».

Se compararmos com os povos da Europa e da América do Norte, os indianos vivem na mais completa miséria. 400 milhões subalimentados, há milhões que têm fome e centenas de milhões que morrem de inanição.

O nível médio de vida do indiano em 1900, era de 24 anos e subiu agora para 43 anos.

O GRANDE DRAMA MULTIPLICAÇÃO IMPARÁVEL?

No ano 2000 existirão mil milhões de indianos. Enquanto agora morrem anualmente um milhão de pessoas de tuberculose e meio milhão de malária.

70 por cento dos indianos vivem da agricultura em 560 000 aldeias. De 420 milhões, mais de 110 000 milhões não possuem nenhum pedaço de terra.

A jorna de um trabalhador rural não vai além de 10 a 20 escudos e mercê de técnicas antiquadas de cultivo a produção raramente ultrapassa a mediania.



Mulher indiana assistindo a propaganda sobre o controlo de maternidade

Na ânsia de parar a explosão demográfica o governo oferece 200 escudos a quem se deixar esterilizar, e uma parteira recebe 30 escudos se conseguir convencer uma mulher a colocar um pessário. Embora hajam cerca de 30 000 postos para este fim o controlo da natalidade ainda é inconsequente. Os problemas da União Indiana, continuam a avolumar-se e parece não ser possível encontrar qualquer solução.



RESTAURANTE

SERVIÇO DE CASAMENTOS E BAPTIZADOS
MÚSICA AMBIENTE • TELEVISÃO A CORES
TELEFONE 63380 • LAMEGO

O COMANDO ama as responsabilidades; sempre pronto a comandar e disposto a obedecer, não admite a suspeita de haver nos seus superiores a intenção de oprimi-lo ou de, por qualquer forma, o diminuir. Porque é sua constante preocupação agir como verdadeiro COMANDO tem nos seus chefes ou comandantes a mais segura confiança e a mais acrisolada fé.

